

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA SIMÕES ZINK DE SOUZA

**A MEDIAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
CONSTITUIÇÃO DO LEITOR**

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA SIMÕES ZINK DE SOUZA

# **A MEDIAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTITUIÇÃO DO LEITOR**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

So89m Souza, Juliana Simões Zink de  
A mediação da família na constituição do leitor /c Juliana Simões Zink de  
Souza. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Sérgio Antônio da Silva Leite.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1.Leitura. 2. Família. 3. Leitores. 4. Afetividade. I. Leite, Sérgio Antônio  
da II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.  
Título.

04-121  
RP/FE

CAMPINAS

2005

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite

---

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva

## AGRADECIMENTOS

*Ao Professor Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite, pela orientação cuidadosa durante todas as etapas deste trabalho. Pela amizade sincera e carinhosa. Um grande mestre.*

*Ao Professor Dr. Ezequiel Theodoro da Silva pela leitura do texto e pelas sugestões construtivas. Agradeço de coração.*

*Aos sujeitos participantes, que contribuíram muito, dedicando tempo a esta pesquisa e partilhando comigo suas histórias de vida. Sem vocês, este estudo não teria sentido.*

*Aos meus pais, Caio e Denise, que me proporcionaram, sempre, condições de educação e de vida que me possibilitaram chegar até aqui. Devo a vocês todo o meu sucesso e minha alegria.*

*Ao meu irmão Thomas, por compreender o processo atarefado da pesquisa, me auxiliando quando precisei.*

*Às educadoras, colegas de trabalho, que sempre me apoiaram e contribuíram com novas idéias, novos olhares e novas questões à pesquisa.*

*Às verdadeiras amigas, que tornaram os quatro anos de faculdade inesquecíveis mais do que uma formação acadêmica, mas um crescimento pessoal inesquecível.*

*Aos familiares, que acompanharam minha trajetória e desejaram meu sucesso.*

## RESUMO

O presente estudo observou e analisou situações de mediação, ocorridas no ambiente familiar, que envolvessem o sujeito e a leitura. Buscou-se compreender o papel da família durante tais experiências, e qual a contribuição que a mesma pode propiciar ao processo de constituição do sujeito leitor.

Foram selecionados quatro sujeitos, estudantes do ensino médio, de escolas públicas e particulares, que já se constituíam enquanto leitores autônomos – possuíam o hábito da leitura instalado e o faziam por iniciativa própria, entendendo-a como um momento que gera prazer.

A pesquisa possui caráter qualitativo e utilizou, para a coleta dos dados, entrevistas gravadas e, posteriormente transcritas. Coletou-se quatro diferentes histórias de vida, focadas principalmente no período da infância. Nos relatos, há a descrição de situações de leitura vividas no ambiente familiar e suas respectivas significações elaborada pelos próprios sujeitos ao interpretarem tais experiências.

O estudo tomou como base, a abordagem histórico-cultural, se apoiando principalmente nas idéias de VYGOTSKY e WALLON, os quais, consideram o ser humano constituído por diferentes dimensões – cognitivas, motoras e afetivas – associadas entre si e ativas durante toda a vida do indivíduo. Consideram também que o processo de formação do indivíduo, enquanto ser social, se dá através da interação com o “outro”, em situações de mediação, que coloquem o sujeito em contato com os objetos culturais.

Neste sentido, o presente estudo buscou entender de que forma a família participa do processo de constituição do leitor, atuando como o “outro”, que organiza situações que coloquem o sujeito em contato com o universo da leitura, contribuindo para que se estabeleça um vínculo de sucesso entre ambos. Entende-se que as situações de mediação são marcadas afetivamente, e, portanto, a qualidade das mesmas será um aspecto fundamental à natureza da relação que irá se estabelecer entre o sujeito e a leitura.

*“Na vida de cada leitor existiu quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros”.*

*Marisa Lajolo*

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	01
<b>Capítulo 1- Fundamentações Teóricas</b>	04
1.1 Família	04
1.2 Teoria Histórico-Cultural	09
1.3 Leitura	11
<b>Capítulo 2- Método</b>	13
2.1 Seleção dos Sujeitos	15
2.2 Caracterização dos Sujeitos	16
2.3 Procedimento de coleta dos dados	23
<b>Capítulo 3- Análise de dados e Resultados</b>	26
<b>Definição dos núcleos</b>	
Núcleo 1: Descrição do Sujeito enquanto Leitor	28
Núcleo 2: Acesso aos livros	28
Núcleo 3: Rotina de Leitura	28
Núcleo 4: O cantinho dos livros	29
Núcleo 5: Pais, os grande mediadores	29

Núcleo 6: A mediação dos Avós	29
Núcleo 7: Outros personagens/situações mediadores	30
Núcleo 8: A (des)continuidade da escola	30
<b>Capítulo 4- Resultados</b>	<b>31</b>
<b>4.1</b> Descrição do Sujeito enquanto Leitor	<b>31</b>
a) Subnúcleo 1: A função da leitura	31
b) Subnúcleo 2: O material lido pelo sujeito	33
c) Subnúcleo 3: A rotina atual de leitura	33
<b>4.2</b> Acesso aos livros	<b>35</b>
<b>4.3</b> Rotina de Leitura	<b>36</b>
<b>4.4</b> O cantinho dos livros	<b>38</b>
<b>4.5</b> Pais, os grande mediadores	<b>39</b>
a) Subnúcleo 1: A mediação	39
b) Subnúcleo 2: A formação dos pais	43
c) Subnúcleo 3: A relação com os pais	44
d) Subnúcleo 4: Pais Leitores	44
<b>4.6</b> A mediação dos Avós	<b>45</b>

<b>4.7</b> Outros personagens/situações mediadores	46
a) Subnúcleo 1: Música	46
b) Subnúcleo 2: Irmãos	47
c) Subnúcleo 3: Escrita	48
d) Subnúcleo 4: Ex-namorado	49
e) Subnúcleo 5: Amigas	50
<b>4.8</b> A (des)continuidade da escola	50
<b>Capítulo 5- Discussão</b>	54
<b>5.1</b> Conclusão	74
<b>Referências Bibliográficas</b>	78
<b>Anexo 1 - Núcleos de Significação do Discurso</b>	80

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho descreve uma pesquisa relacionada a situações de mediação, envolvendo o sujeito e a leitura, vivenciadas no ambiente familiar. Buscou-se identificar as formas pelas quais tais experiências podem contribuir para o processo de formação do sujeito enquanto leitor.

O estudo enfocou a família como ambiente principal de análise, uma vez que, aí são vivenciados diversos valores e práticas, inclusive as de leitura, que poderão influenciar o sujeito durante toda sua trajetória de vida, determinando suas formas de se comportar e se relacionar com a escrita. Buscou-se entender a função que a família pode desempenhar durante o processo de formação do leitor, desempenhando o papel de mediadora, no processo de construção de uma relação positiva entre o sujeito e a leitura.

Entende-se a mediação como uma ferramenta essencial para a constituição do sujeito, uma vez que, através da interação com o “outro” e das trocas que se dão no ambiente social, o sujeito tem a oportunidade de entrar em contato com os objetos e instrumentos da cultura, estabelecendo relações com os mesmos. Deve-se ressaltar também o processo de *internalização* de valores e práticas que constituirão cada sujeito e a maneira como esse processo depende da mediação de diversos agentes culturais.

Assim, a formação do sujeito enquanto ser social depende profundamente do contato com o “outro”, sendo que a *qualidade* desta interação vivenciada determinará a natureza das relações que o sujeito irá estabelecer com cada objeto cultural.

Sendo a leitura um bem cultural, entende-se que a mesma é disponibilizada aos sujeitos através das interações, onde os mais hábeis e experientes apresentam-na aos sujeitos que ainda não a conhecem. Este estudo buscou identificar situações onde o “outro”, neste caso os membros da família, tenha organizado experiências que colocassem o sujeito em contato com os livros, contribuindo para que se estabelecessem vínculos cada vez mais fortes e íntimos com o universo da leitura.

Ao tomar como base teórica a abordagem histórico-cultural, impressa fortemente nas idéias de WALLON e VYGOTSKY, a pesquisa considera o sujeito enquanto um indivíduo complexo e ativo, constituído por dimensões cognitivas, motoras e afetivas em contínua relação, e, entende que, durante os contatos que o mesmo estabelece com o mundo, as três dimensões desempenham determinadas funções e marcam as relações que o sujeito estabelece com os objetos culturais. Neste sentido, entende-se que as situações de mediação são marcadas não somente por conteúdos cognitivos, mas

também por dimensões afetivas, isto é, há uma série de sentimentos envolvidos nessa situação, que atuarão sobre a natureza da relação entre o sujeito e a leitura.

Buscou-se identificar, na fala dos sujeitos entrevistados, aspectos que revelassem a presença da dimensão afetiva durante as experiências de leitura relatadas. Através das significações feitas pelos sujeitos em relação às experiências vivenciadas no ambiente familiar, foi possível identificar-se de que forma e o quanto os sentimentos presentes nessas experiências foram determinantes para o estabelecimento de uma relação afetivamente positiva com a leitura.

Deu-se ênfase ao período da infância por ser o momento em que a família tem maior contato e maior influência na vida dos sujeitos. Durante a infância, a criança tem na família o seu grande referencial – os pais geralmente são os modelos centrais a serem seguidos e respeitados. Através da vivência, da observação e até mesmo imitação das práticas que se dão no ambiente familiar, a criança elabora uma rede de saberes e significações, que irão constituir o seu referencial cultural.

Neste sentido, entende-se que, no período da infância, é possível identificar situações de leitura em que a família desempenha um importante papel, organizando experiências que possibilitem o contato entre o sujeito e a leitura e, marcando afetivamente a relação que se estabelecesse entre ambos.

O estudo buscou analisar processos de formação de jovens leitores que tenham obtido sucesso, isto é, leitores que vivenciaram experiências que possibilitaram o estabelecimento de uma relação agradável e positiva com os livros: jovens que já se constituíam enquanto leitores autônomos.

Entende-se o sujeito desta pesquisa como um indivíduo que mantém o hábito da leitura e o faz por prazer, sem que seja forçado por qualquer outro indivíduo ou norma externa. São indivíduos que realizam a leitura por entenderem-na como fonte de lazer ou de crescimento pessoal. Os sujeitos não necessariamente lêem o tempo todo, mas o fazem por iniciativa própria, selecionando pessoalmente o material, o momento e o ritmo de leitura que querem realizar. Assim, a leitura acontece a partir do interesse do próprio indivíduo, ou através de indicações de amigos, pais e professores, mas nunca possui caráter obrigatório.

ABRAMOVICH (1997), define em poucas linhas e de forma poética, o perfil de sujeito que a pesquisa buscou estudar:

*“Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso”.* (p.14).

Para apresentar o relato da pesquisa, o presente texto está organizado de acordo com os padrões de relatório científico.

O próximo capítulo - Fundamentações Teórica - apresenta a linha teórica que norteia o olhar da pesquisa, sendo discutidas as concepções de leitura, de família, de afetividade e processo de formação do leitor presentes no decorrer do estudo.

Na sequência, o capítulo Método apresenta os sujeitos participantes e todo o processo de coleta de dados, assim como, as referências teóricas que determinaram as decisões metodológicas.

O capítulo Análise dos Dados e Resultados descreve o processo de análise e sistematização dos dados – os relatos dos sujeitos são recortados e organizados de forma a apontarem aspectos que venham contribuir para a compreensão dos aspectos pesquisados.

O último capítulo - Discussão - reúne tanto as questões que mais se destacaram nos dados coletados, como as concepções teóricas que embasam o estudo, gerando uma articulação entre estes dois eixos, o que permite um entendimento mais profundo e complexo do processo de formação do leitor e da importância do papel da família enquanto mediadora.

# **1. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS**

## **1.1 FAMÍLIA**

A Família se constitui em uma das instituições mais antigas organizadas pelo ser humano; nas sociedades mais primitivas encontram-se indícios que comprovam a organização da vida do homem em grupos reunindo indivíduos de parentesco próximo, que partilhavam experiências, se ajudavam nas tarefas da vida cotidiana e prezavam pela formação e proteção de seus companheiros.

Estudos recentes, como KNOBEL (1972), FLORES (1994) e CAMPOS (1983), apontam que o conceito de Família sofreu diversas mudanças ao longo da história do homem. Psicólogos, sociólogos, antropólogos e diversas outras áreas do conhecimento têm se dedicado a estudar o conceito de família e sua função no meio social, no decorrer da História.

Analisando-se historicamente, nota-se uma série de organizações, diferenciadas entre si, as quais, em diferentes momentos históricos, constituíram a instituição Família. Tem-se a *família tradicional*<sup>1</sup>, característica do período medieval, em que a sociedade centrava-se na produção agrária e o comércio girava em torno das grandes plantações e criação animais. A maior parte da população se encontrava no campo, distribuída em meio a grandes propriedade de terra.

Nesta família, o pai era a principal autoridade e cada um dos membros integrantes desempenhava uma função específica, dentro de uma estrutura hierarquizada. A família geralmente era extensa, composta por muitos filhos e reunia, em um mesmo espaço, diversas gerações – avós, pais, filhos, irmãos.

Quando se instala a Revolução Industrial (século XVIII), observa-se um deslocamento da massa populacional para os grandes centros urbanos, o que forçou a reformulação da estrutura familiar para que esta se adaptasse e se preservasse dentro das novas condições sociais. O espaço físico reduzido das cidades e das casas, além dos baixos salários pagos ao proletariado, fizeram com que a família se reduzisse – já não era possível abrigar e sustentar um grande número de integrantes. Segundo FLORES (1994):

---

<sup>1</sup> Segundo IRIZAR (1982), é possível considerar três tipos de família dentro do que se considera civilização ocidental: família tradicional, família industrial e família pós-industrial.

*“Esta redução foi precedida pela concepção burguesa surgida no século XIV. Nesta época a burguesia começa a enriquecer e, perante o desejo de ser proprietária total da riqueza, não aceita o modelo da família extensa que repartia o patrimônio por um grande número de familiares”.* (p.11)

Organizou-se uma nova estrutura de família, nuclear, que reunia apenas seus membros mais próximos, geralmente, o pai, a esposa e os filhos. *“É a família conjugal, segundo a denominação dos cientistas sociais”.* (CAMPOS, 1983, p.19). Mesmo com esta re-estruturação, observa-se a manutenção de certos aspectos da antiga organização, como por exemplo, o papel do homem, enquanto autoridade máxima, e o papel da mulher, enquanto responsável pelo cuidado do lar e da educação dos filhos.

Atualmente, é possível observar que este conceito de família sofreu uma série de novas mudanças, devido às decorrentes transformações históricas e sociais. Na *família pós-industrial*, uma das principais mudanças refere-se ao papel da mulher – seu acesso ao mundo do trabalho transformou as relações no lar, reorganizando a vida cotidiana e a função de cada membro da casa. A mulher já não é a única responsável pela educação dos filhos, pois passou a dividir com o homem essa função. Passou também a dividir o papel de autoridade no ambiente familiar, e, ao gerar sua própria renda, tornou-se capaz de contribuir financeiramente para o orçamento familiar; fatores que tornaram sua posição não mais subordinada ao homem, mas igualada ao mesmo.

Outro aspecto que se refere à organização da família nos dias atuais é o elevado índice de separações – com o fim do casamento, antes indissolúvel, a família é obrigada a fragmentar-se, e sofre um re-direcionamento das funções de cada membro e uma alteração nas relações antes estabelecidas.

A estrutura familiar atual é um novo cenário, com novos personagens e novas relações. No entanto, apesar das diversas transformações que esta instituição veio sofrendo ao longo da História do homem, a dedicação e o cuidado com seus integrantes permanecem intactos: ainda se observa na família um ambiente preocupado com o desenvolvimento e o sucesso de seus membros.

Sabe-se que a família desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, enquanto ambiente no qual o sujeito inicia sua vida e o contato com o mundo. Na família, o sujeito se apropria de valores e práticas culturais vitais à sua sobrevivência, como *“a adaptação ao meio ambiente, a capacidade de socialização, os*

*passos mais importantes da evolução física e psíquica, a formação moral e um sem-fim de coisas mais*". (FLORES, 1994, p.12).

Assim, nota-se a importância do ambiente familiar no processo de formação do indivíduo, enquanto um ambiente extremamente rico de experiências e relações, que marcarão e determinarão as construções que o indivíduo fará a partir da realidade social que o rodeia. Segundo KNOBEL (1972):

*"Na integração familiar, anterior à social (mas determinada pelo meio ambiente), ganha forma a personalidade, determinando-se características sociais, éticas e morais dos futuros membros da comunidade adulta"*. (p.173)

O presente estudo enfocou o ambiente familiar justamente pelo fato de que esta contribui profundamente para a formação do indivíduo: uma vez que a leitura se constitui enquanto uma prática social que o sujeito aprende através da interação com o "outro" e das situações aí vivenciadas, entende-se que a família é um dos agentes culturais mediadores capazes de possibilitar o contato entre sujeito e leitura. Por ser um ambiente fundamental para a constituição do indivíduo, entende-se que as experiências de leitura vivenciadas na família terão um grande papel no processo de formação do leitor. BAKER, 1995 discute:

*"The experiences that children have before entering school may well influence their development of reading in school (Teale & Sulzby, 1986). In fact, Wigfield and Asher (1984) suggested that factors in the home may even outweigh factors in the school that predict children's desire and ability to succeed in school"*. (p.03)

Durante o período da infância, a criança depende extremamente de sua família: enquanto bebê, a dependência é quase total, pois é preciso alguém constantemente garantindo sua sobrevivência (alimentação, higiene, proteção, etc). Segundo WALLON (1999)

*"O recém-nascido é um ser cuja totalidade de reações necessita ser completada, compensada, interpretada. Incapaz de efetuar algo por si*

*próprio, ele é manipulado pelo outro e é, nos movimentos deste outro, que suas primeiras atitudes tomarão forma”. (p.161)*

Com a possibilidade de locomoção e, principalmente com o desenvolvimento da linguagem, a criança libera-se, em parte, dos cuidados dos pais: já não é um ser passivo, mas consegue expressar suas vontades e realizar algumas atividades sem a ajuda de alguém.

Nesta condição, a natureza da dependência em relação ao “outro” modifica-se – já não é unilateral, onde os pais são provedores e a criança simples receptora. Com o desenvolvimento da linguagem, inicia-se um processo de trocas, no qual ambos os participantes contribuem com ações e idéias. Agora, a criança depende da família para ampliar seu contexto, conhecer novos aspectos de seu ambiente e absorver estratégias de participação no mesmo, o que se dará através da vivência de experiências organizadas pelos pais.

Neste sentido, o período da infância é um momento fundamental, uma vez que a criança mostra-se totalmente receptiva a modelos e indicações apresentados pelo “outro”; ela observa, imita e internaliza diversas práticas e valores presenciados nos ambientes que frequenta, passando, gradualmente, a intervir no mundo à sua volta. Neste sentido, no período da infância, o papel da família é extremamente importante, pois, é aí que a criança passa a maior parte do tempo, e as experiências vivenciadas neste ambiente contribuirão profundamente para seu processo de constituição.

Uma vez que a leitura configura-se enquanto uma prática social transmitida através das interações, e cuja prática pode se iniciar nos primeiros anos de vida, entende-se que a infância é fundamental para o processo de constituição do sujeito enquanto leitor, uma vez que, as experiências de leitura vivenciadas nesse período serão o início da relação que irá se estabelecer com a leitura.

Entende-se também, que a boa qualidade das experiências de leitura vivenciadas na infância contribuirá para que o sujeito construa uma relação de natureza positiva com a leitura.

Ao estudar a família, a pesquisa busca romper a tendência de resumir as experiências de leitura e o processo de formação do leitor ao ambiente escolar – há outros espaços nos quais a prática de leitura se faz presente e, assim como na escola, esses espaços imprimem marcas importantes à trajetória de formação do sujeito enquanto leitor. A pesquisa busca analisar os *usos sociais* da escrita, isto é, práticas de

leitura não sistematizadas pela escola, que se dão na vida cotidiana do sujeito e contribuem para a sua formação enquanto leitor. LEITE (2001), ao discutir o processo de Letramento<sup>2</sup>, aponta:

*“A dimensão social [do processo de letramento], por sua vez, relaciona-se com as práticas sociais, isto é, o que as pessoas fazem com as habilidades e os conhecimentos relacionados com a leitura e a escrita”.*  
(p.31-32)

Assim, a pesquisa busca identificar práticas de leitura vivenciadas na rotina diária dos sujeitos, em diversos espaços, momentos e nas mais diferentes formas, sendo que, mesmo não sendo previamente planejadas e sistematizadas –como faz o espaço escolar – tenham contribuído para o processo de constituição dos sujeitos enquanto leitores.

Assim, a presente pesquisa delimitou seu olhar em relatos vividos durante o período da infância, buscando identificar aspectos, nas relações familiares, que tenham sido significativos para a formação de cada sujeito como leitor.

Ao discutir atividades motivadoras de leitura, como a leitura conjunta, visitas à biblioteca e compra de material escrito, MOJICA (2004) cita Adriana Veloso: *“Tudo isso é arte e prepara o terreno para que a criança se interesse pela leitura. Entre 0 e 7 anos, ela tem as janelas do desenvolvimento abertas”.*(p.14).

---

<sup>2</sup> SOARES (1998) define o Letramento como *“o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, ou seja, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.* (LEITE, 2001, p.30)

## 1.2 TEORIA HISTÓRICO –CULTURAL

Segundo a abordagem histórico-cultural, o indivíduo constitui-se enquanto ser social, através de um processo envolvendo intensas trocas de natureza cognitiva e afetiva, durante as interações com o “outro”. O processo interativo é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, na medida em que garante a sobrevivência do sujeito – quando este ainda é bebê, dependente dos cuidados do outro – e também a sua inserção no meio social e cultural.

Para WALLON (1999), é a partir do contato com o “outro” que se define o “eu”, em um processo de trocas e construções que, aos poucos, permitirão que o indivíduo construa um universo simbólico pessoal, de representações referentes ao meio, que irão defini-lo enquanto um sujeito único.

Também para VYGOTSKY, o processo de constituição do indivíduo se dá através das interações, nas quais o indivíduo se apropria de práticas, valores, idéias, além de sensações e sentimentos compartilhados pela cultura. Através do processo de *internalização*, o sujeito experiencia tais situações, de início “externamente”, e, em seguida, através de um processo de reflexão pessoal, reconstrói “internamente” as vivências, elaborando opiniões e conceitos pessoais, tornando seu referencial simbólico mais extenso e mais complexo. Segundo VYGOTSKY (1994):

*“Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica)”*. (p.75)

Neste sentido, a leitura, enquanto objeto cultural, é internalizada pelo sujeito através do processo interativo: as mediações realizadas pelo “outro” estabelecem um contato entre o sujeito e a leitura, possibilitando o surgimento de um vínculo entre ambos.

A abordagem histórico-cultural considera que o homem se constitui através de um processo com diferentes dimensões, associadas entre si, rejeitando as tradicionais concepções dualistas, em favor de uma visão de natureza histórica e cultural.

Segundo WALLON, o indivíduo apresenta três grandes dimensões - *cognitiva, motora e afetiva* - as quais se encontram ativas e relacionadas durante toda a trajetória de vida do sujeito, norteando suas formas de comportamento e seu desenvolvimento em meio ao ambiente em que se insere.

Em relação ao desenvolvimento da dimensão afetiva, a emoção se encontra na base do processo. Vinculada, basicamente, a manifestações orgânicas, a emoção é a primeira forma apresentada pelo indivíduo, ainda bebê, para estabelecer contato com o “outro”. Através do choro e movimentos corporais não controlados, a criança transmite estados de bem ou mal estar, como cólicas, fome, frio ou cansaço, os quais, interpretados pelo adulto, garantem sua sobrevivência e a satisfação de suas necessidades vitais.

A partir dessas primeiras trocas entre o bebê e o adulto, inicia-se um processo de significação, tanto das ações do bebê, quanto das respostas dadas pelo adulto e, aos poucos, a criança passa a perceber que suas diferentes manifestações geram diferentes respostas; suas ações passam a ter um significado e sentido e estes são internalizados, tornando as estratégias de comunicação da criança cada vez mais complexas.

A ampliação das habilidades de representação da criança faz com que ela, gradualmente, torne-se capaz de estabelecer novas relações com o “outro”, envolvendo não apenas *sensações*, associadas a estados orgânicos, mas *sentimentos*, construções psicológicas que permitem a comunicação e a atuação no meio de forma mais madura.

WALLON considera possível dividir o processo de desenvolvimento do indivíduo em estágios, “*onde cada um deles é gestado, preparado pelas atividades do estágio anterior e desenvolve atividades que prepararão a emergência do próximo*” (MAHONEY e ALMEIDA, 2000, p.12).

Em todos os estágios, as dimensões afetivas e cognitivas encontram-se entrelaçadas e ativas, sendo que “*as conquistas do plano afetivo são usadas no plano cognitivo, e vice-versa*” (LEITE e TASSONI, 2002, p.05). É possível que em alguns momentos haja a preponderância de um plano sobre o outro, mas em nenhum momento há o isolamento destas dimensões.

Para WALLON e VYGOTSKY, o processo de desenvolvimento estará sempre associado a interações sociais, envolvendo sempre conteúdos afetivos que marcarão a natureza das relações que o sujeito irá estabelecer com os objetos culturais. Segundo GROTA (2000):

*“(...) pode-se afirmar que um sujeito se constitui, define seu modo de ser-no-mundo, a partir da internalização das relações sociais que vivencia e da qualidade afetiva que perpassa tais relações. São os fenômenos afetivos que marcam a qualidade das interações sociais e transferem à internalização dos objetos culturais um sentido afetivo”. (p.25)*

### **1.3 LEITURA**

Sabe-se que, na sociedade atual, através de diferentes formas de troca de informações, movimenta-se o meio social e relacionam-se os membros que aí vivem. Nesse universo, a escrita se faz constante e crescentemente presente, obrigando o sujeito a desenvolver as habilidades para o domínio social da mesma, condição necessária para que o indivíduo possa se inserir ativa e criticamente na realidade.

A leitura configura-se como uma prática social que possibilita ao indivíduo entrar em contato com informações e concepções, construídas por outros e referentes à realidade. Através do contato com o texto, o sujeito pode ampliar sua inserção cultural, aprofundando o conhecimento sobre o ambiente social apropriando-se de estratégias de intervenção.

Ao ler um texto, o indivíduo estabelece um diálogo com as idéias do autor, o que possibilita contínua revisão e aprimoramento de seu universo pessoal, seus valores e opiniões, gerando também uma interpretação única e pessoal, as idéias que leu. Assim, o texto não possui um único sentido, uma vez que, cada sujeito que o ler construirá interpretações diferentes, estabelecerá um novo diálogo, envolvendo as idéias do autor e suas próprias significações a respeito dessas. Ao discutir as diferentes compreensões de um mesmo texto, MORAIS (1996) aponta:

*“Se ela [criança] compreende o texto de maneira diferente da nossa, não é porque se engana ao decodificar os signos gráficos, mas, muitas vezes, porque as palavras lidas ativam um universo mental, conhecimentos e processos de raciocínio que não correspondem exatamente aos nossos”. (p.15)*

Colocado o valor da leitura em relação à realidade social, e a importância de que o indivíduo desenvolva essas habilidades para que possa compreender e participar,

efetiva e conscientemente, na realidade que o envolve, reapresenta-se as questões iniciais do presente estudo: *Como um indivíduo se constitui leitor? Qual a importância das experiências vividas durante o período da infância? Qual o papel desempenhado pelos pais e como estes contribuem para a formação do sujeito enquanto leitor? Quais aspectos das experiências familiares de leitura são mais significativos e, portanto, contribuem com mais ênfase para a formação do leitor?*

A presente pesquisa, baseada nas fundamentações teóricas apresentadas acima, busca identificar e analisar a importância do papel da família no processo de constituição do leitor, principalmente no período da infância. Acredita-se que, uma vez que o indivíduo se constitui enquanto ser social através das interações com o “outro”, a família pode desempenhar um importante papel, na medida em que se configura como uma forte agência mediadora das experiências que o sujeito vivencia com a escrita, no início da vida.

Entende-se, também, que essas interações são perpassadas por conteúdos afetivos, os quais imprimem profundas marcas na relação que se estabelecesse entre o sujeito e o objeto cultural, no caso, a leitura. Portanto, considera-se que a qualidade das interações e a natureza dos sentimentos envolvidos nas experiências de leitura são determinantes para que o sujeito estabeleça um vínculo positivo com a leitura possibilitando que a leitura se constitua em uma prática autônoma, fruto de prazer, satisfação e entretenimento do sujeito.

## **2. MÉTODO**

Para a realização do presente estudo, optou-se pelo uso da metodologia *qualitativa*, a qual permite que o fenômeno pesquisado seja observado em suas mais íntimas particularidades e, ao mesmo tempo, seja entendido dentro de um contexto social, que o envolve e o determina.

BOGDAN e BIKLEN (1982) citam cinco características básicas constitutivas de um estudo qualitativo:

1 - *“A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”* (p.11).

Durante o presente estudo, o fenômeno da formação do leitor foi analisado a partir de situações reais – os sujeitos entrevistados relatavam histórias de vida que descreviam seu processo de formação enquanto leitores, tornando os dados coletados pequenas amostras retiradas de uma realidade vivida pelos sujeitos.

2- *“Os dados coletados são predominantemente descritivos. (...) Todos os dados da realidade são considerados importantes”*. (p.12).

Buscou-se, através dos relatos de cada sujeito, ilustrar ao máximo o processo de formação do leitor e o papel da família durante o mesmo. As entrevistas pediam que os sujeitos descrevessem da maneira mais detalhada possível as experiências de leitura que viveram na infância, não somente atentando à situação de leitura em si, mas a todo o contexto que a envolvia.

3- *“A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas”*. (p.12).

Mais do que simplesmente tentar compreender a importância da família para a formação do sujeito enquanto leitor, o estudo buscou entender as nuances desse processo e, em quais momentos/sentidos o papel da família se manifesta.

A ênfase na coleta de histórias de vida evidencia que o foco principal da pesquisa não é estudar a formação do leitor enquanto um fenômeno isolado, como um resultado final já determinado e imutável, mas sim, considerar a formação do leitor enquanto um movimento contínuo, que se constitui a partir de diversas condições do meio, sendo uma delas a participação da família.

4- *“O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. (...) Há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”.* (p.12).

Além de reunir relatos que descrevessem processos de formação de sujeitos leitores, o estudo buscou fazer com que estes sujeitos significassem cada experiência que relatavam, que tentassem atribuir um sentido pessoal a cada situação que viveram, o que possibilitou ao pesquisador não somente entender o processo de formação do leitor, mas capturar um dinamismo interno deste, a dimensão afetiva presente nos fenômenos sociais e humanos, só possível de se apreender através do olhar/interpretação de quem vivenciou o processo.

5- *“A análise de dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes dos estudos”.* (p.13).

Não dispor de hipóteses pré-definidas não significa a ausência de uma base teórica que tenha norteado o processo de coleta e análise dos dados. A partir dos pressupostos teóricos deste estudo, que entendem a constituição do ser humano enquanto uma rede complexa envolvendo a motricidade, o pensamento racional e as emoções, levantaram-se questões gerais que, durante o processo da pesquisa, foram se tornando mais específicas e mais aprofundadas.

Buscou-se entender o processo de formação do leitor através de um movimento de observação dos dados e tentativa de associação destes ao quadro teórico, mas nunca um movimento forçado e pré-estabelecido que encaixasse a realidade observada dentro de categorias já determinadas. Pelo contrário, os dados coletados foram fontes de novas reflexões e suposições em relação ao problema inicial, renovando-o sempre e tornando a

pesquisa um movimento flexível que considera tanto conceitos teóricos quanto fatos reais remetentes ao um mesmo fenômeno.

A seguir, apresentará-se o procedimento de seleção dos sujeitos e a caracterização de cada sujeito a partir de trechos de sua própria fala coletados durante as entrevistas; em seguida, será descrito o processo de coleta de dados

## **2.1 SELEÇÃO DOS SUJEITOS**

Para que os dados realmente ilustrassem e trouxessem um entendimento maior do problema formulado para a pesquisa, optou-se pela seleção de sujeitos que estivessem cursando o ensino médio, tanto de escolas públicas como particulares, por serem indivíduos que já viveram uma trajetória longa de contato com a leitura e, desta forma, teriam mais informações e experiências a relatar durante as entrevistas.

Por terem maior idade, também se considerou que a capacidade de descrever e significar histórias vividas seria mais apurada para estes sujeitos do que para indivíduos mais novos.

Com este pré-requisito estabelecido, houve uma visita inicial a duas escolas, uma particular e uma pública (estadual). Antes do contato com os possíveis sujeitos, os professores de Língua Portuguesa e História do ensino médio indicaram alunos que consideravam como bons leitores, pois sabiam que os mesmos mantinham o hábito da leitura fora da escola e sem a obrigação estabelecida pela mesma.

O pedido de indicação de alunos através dos professores se deveu ao fato de que os mesmos conheciam os alunos melhor e a mais tempo, podendo, assim, indicar indivíduos que se encaixassem no perfil esperado.

Com uma lista de nomes em mão, foi realizado um encontro inicial com cada indivíduo. Esta conversa se deu dentro própria escola, no horário de aula do sujeito. A intenção da conversa era explicar os objetivos da pesquisa ao possível sujeito e ao mesmo tempo conhecê-lo melhor para verificar o perfil relatado pelos professores.

Foi pedido que cada entrevistado se descrevesse brevemente, contasse como vivia sua rotina, contextualizasse suas práticas de leitura dentro desta rotina, definisse a função da leitura em sua vida e relatasse alguma experiência de infância que pudesse ter sido determinante à sua formação enquanto leitor.

Após a conversa com todos os alunos indicados pelos professores, foram selecionados quatro sujeitos que respondiam ao perfil de bons leitores, isto é, que apresentavam o hábito da leitura instalado, o qual, se dava por iniciativa do próprio sujeito, sendo uma prática pela qual ele sentia prazer.

Vale aprofundar a definição de sujeito que a pesquisa optou por trabalhar. São indivíduos que realizam a leitura por enxergarem nesta prática um momento de lazer e de importância para o crescimento pessoal. São adolescentes que não necessariamente lêem o tempo todo, em grande quantidade de material escrito, mas adolescentes que se desprenderam da obrigação de ler para a escola e o fazem por iniciativa própria, selecionando individualmente o material, o momento e o ritmo de leitura que querem realizar. A leitura acontece a partir do interesse do próprio indivíduo, ou através de indicações de amigos, pais e professores, mas raramente possui caráter obrigatório.

O sujeito desta pesquisa entende que a leitura é uma prática importante em sua formação enquanto integrante de uma sociedade que acontece e se expande através da informação, mas também mantém uma relação que vai além, que se estende e atinge um grau íntimo, de escolha e prazer pessoal.

## **2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS**

### **Sujeito 1**

Um adolescente de dezesseis anos de idade que, na época da coleta de dados, cursava o segundo ano do ensino médio em um colégio particular de Campinas. Membro de uma família de classe média-alta, o sujeito viveu nos Estados Unidos durante três anos devido à transferência de seu pai, enquanto funcionário de uma empresa multinacional; havia retornado ao Brasil há um ano.

O sujeito estudou sua vida toda em colégios particulares, com exceção da época em que viveu fora do país, na qual estudou em escola pública. Atualmente, vive com o pai, a mãe e o irmão mais velho, seu único irmão. Segundo o relato do sujeito, a relação que mantém com os pais e o irmão é e sempre foi positiva. Todos mantêm diálogo constante e o contato diário, desenvolvendo assim, uma profunda amizade entre os membros da família.

Seus pais possuem formação completa de primeiro e segundo grau. O pai possui formação universitária e mestrado (cursado fora do país). O irmão cursa o nível superior em universidade estadual.

Quando solicitado a descrever sua rotina, o sujeito relata:

*“Ah, acordo, vou pra escola, depois volto e almoço. Durante a tarde eu costumo ficar em casa, sozinho, mexendo no computador ou vou na casa de amigos, mas prefiro mais ficar em casa”.*

Ao descrever o que a leitura significa em sua vida, o sujeito apresenta a seguinte concepção:

*“Leio mais por diversão, e também para aprender alguma coisa, não sei, depende do que eu leio. (...) é através dela [leitura] que eu vou atrás das coisas que eu quero saber, que eu aprendo, que eu me divirto. (...) Acho que ela é mais diversão, eu leio é porque eu gosto mesmo”.*

Em seguida, sobre as práticas de leituras atuais do sujeito, este relata:

*“Leio muita ficção, fantasia, tudo! O que aparecer na minha frente eu leio. (...)Ah, praticamente todo dia eu leio alguma coisa. Costumo ler mais ou menos uns dois livros por mês, as vezes mais, às vezes menos. (...)Bom, não tem horário certo. Geralmente durante à tarde eu leio, ou quando não tem nada pra fazer. Prefiro ler sozinho, num lugar que tenha silêncio pra não me incomodar e que seja confortável, e geralmente esse lugar é meu quarto. (...) Às vezes eu costumo ler na aula, mas não muito porque tem muito barulho. Geralmente na aula de inglês, que eu não preciso e que é muito chata, eu pego alguma coisa escondido da professora e fico lendo”.*

## **Sujeito 2**

Na época em que foi entrevistado, o sujeito tinha dezesseis anos e cursava o segundo ano do ensino médio em um colégio estadual, na cidade de Campinas. Além do ensino médio, o sujeito estudava, há um semestre, no período da tarde, em um curso técnico em eletricitista de manutenção.

Desde sua infância, o sujeito havia vivido em três ambientes diferentes. Até os quatro anos, morou em Campinas com os pais, em seguida mudou-se para Paulínia onde viveu durante quatro anos e, em seguida, mudou-se para Goiânia com os irmãos, onde

viveu por três anos na casa dos avós paternos por motivo de separação dos pais. Atualmente vive em Campinas com o pai, o irmão, a irmã e seus avós paternos.

A relação entre os membros familiares é caracterizada como positiva – o sujeito descreve conversas e interações que ocorrem no cotidiano, indicando que mantém com os pais e os irmãos uma relação de respeito e proximidade. Com a mãe, a relação parece ser mais distante – os encontros acontecem apenas durante os finais de semana.

O sujeito relata ter sempre estudado em colégios particulares e somente durante o ensino médio ter cursado um colégio público.

Seus pais possuem formação superior completa e ambos estão empregados em trabalhos relacionados às áreas de graduação. O pai é formado em Física pela Universidade Estadual de Campinas e, atualmente, cursa licenciatura no instituto de Educação desta mesma universidade; atua como professor em uma universidade da cidade de São Paulo. A mãe é formada em Filosofia e possui mestrado e doutorado na mesma área.

Em relação à sua rotina, o sujeito relata:

*“Bom, eu acordo cinco e meia da manhã e fico na cama até as seis horas, depois eu acordo, tomo um café e vou para a escola. Na escola eu tenho cinco aulas, normal, às vezes falta professor, eu volto pra casa, mas normalmente eu vou direto pro S., tenho lá as aulas, tô fazendo recuperação na hora do intervalo, desenho técnico e depois que eu volto do S., chego em casa, tomo banho, janto, lavo a louça, e vou pro computador ou leio ou vou dormir”.*

Em relação à leitura, o sujeito afirma que gosta de ler e o faz sempre que dispõe de tempo livre. Ele relata que acha interessante o fato *“de a leitura fazer pensar e utilizar a imaginação do leitor”*. Este movimento produzido pela leitura é caracterizado como algo motivador para o leitor.

Ao discutir suas práticas de leituras, o sujeito coloca que costuma ler uma mesma obra diversas vezes, em diferentes fases de vida, o que lhe possibilita novas interpretações de um mesmo texto e a construção de novas idéias a cada vez que lê a mesma obra.

*“Não é só pegar o livro e ler uma vez só, você tem que pegar o livro e ler, ler, ler, várias vezes pra entender. E às vezes você tem uma interpretação do livro, uma primeira, e aí, na outra vez você vê e fala: ‘Pôxa vida, aquela interpretação tava mais ou menos, eu posso completar com isso, eu posso tirar aquilo’, enfim, você consegue uma interpretação nova”.*

O sujeito diz ter posse de uma grande quantidade de material escrito em sua casa e, sempre que possível, costuma explorar este acervo e realizar leituras. O sujeito relata que prefere um ambiente calmo e silencioso para ler e, em casa, este local é geralmente seu quarto.

Os livros que costuma ler são, geralmente, livros de física e revistas acadêmicas. O sujeito diz ter interesse por estes temas devido à influência de seu pai, que é físico e professor da área e, por isso, está sempre trazendo material referente ao assunto e comentando sobre o mesmo durante as conversas com os filhos.

### **Sujeito 3**

Na época em que foi entrevistado, o sujeito tinha dezessete anos e cursava o terceiro ano do ensino médio em um colégio particular na cidade de Campinas.

Mora com os pais, a irmã gêmea e dois irmãos, com os quais mantém uma relação muito próxima e amigável. Relata que os diferentes horários da família e o pouco tempo que passa em casa diminuem o contato entre os membros; no entanto, comenta:

*“A gente sempre almoça e janta juntos, é meio tradição da família e tem um negócio que chama conselho familiar que meu pai organiza - uma vez por mês a gente se reúne pra conversar, resolver problemas da família, trocar idéias”.*

Seus pais têm formação superior completa e ambos trabalham fora de casa. O pai é formado em agronomia em uma universidade francesa e atualmente trabalha como ecólogo. A mãe é formada em jornalismo e atualmente é editora de uma revista de grande circulação.

Em sua rotina, o sujeito frequenta aulas de alemão, taekwondo e ioga, o que torna seu tempo livre muito reduzido, inclusive para práticas de leitura. Segundo o sujeito, apesar de gostar muito de ler, tem dificuldade em encontrar horários em que possa se dedicar aos livros que gosta.

*“Eu estou sempre lendo algum livro, alguma coisa. Mas não costumo ler todo dia porque tenho muita coisa pra fazer. Então costumo ler a tarde, quando tenho tempo livre, e também nos finais de semana, principalmente no domingo que não tem nada pra fazer”.*

Os locais de leitura que considera bons são espaços onde haja silêncio e poltronas/ camas que sejam confortáveis, uma vez que a leitura é algo relaxante para o sujeito.

Em relação à função da leitura, o sujeito a considera como uma prática que possibilita o contato com assuntos de seu interesse e, por este motivo, é extremamente motivadora e interessante. O sujeito comenta:

*“Primeiro eu leio porque eu gosto (aí entram os romances e as poesias), tem coisas que eu leio pra me informar, mas que eu também gosto (obras de política, como por exemplo, a obra de Hitler – “Mein Kampf”) e também tem a parte que eu leio porque preciso para dar aula. Dou aula de energia e cabala, então preciso ler coisas sobre este assunto, que por sinal eu não gosto muito, mas preciso para poder ensinar. [Tem mais peso] o prazer de ler...Conta também o fato da informação, mas acontece mais de eu ler por gostar mesmo”.*

O sujeito costuma ler livros de poesia, política e ficção científica, sendo que cada um desses gêneros se remete a uma atividade presente em sua rotina – as poesias são inspiração para os contos que costuma escrever, as obras de política são ferramentas de reflexão e questionamento da realidade e a ficção é um momento relaxante que, através da indicação da mãe, se firmou como sua preferência.

#### **Sujeito 4**

Nascido em Campinas, o sujeito de dezessete anos cursava o terceiro ano do ensino médio quando foi entrevistado. Sempre estudou em colégios particulares e viveu

na cidade de Campinas, onde mora com os pais e mais quatro irmãos, sendo dois homens e duas irmãs gêmeas, todos mais velhos.

Ao comentar a relação que mantém com os membros de sua família, o sujeito descreve laços afetivos intensos e afirma manter uma amizade muito íntima com todos, mas em especial com a mãe e o irmão mais velho, com quem divide o quarto. Todos costumam almoçar juntos, momento em que as conversas e discussões acontecem e, segundo o sujeito, “*são extremamente gostosas*”.

Em relação à formação dos pais, a mãe começou a cursar Pedagogia quando jovem e desistiu do curso ao engravidar. Atualmente retomou os estudos e está no terceiro ano do curso de Direito. O pai, já aposentado, se formou em Administração e trabalhou em uma empresa multinacional.

Em relação à sua rotina, o sujeito descreve:

*“Acordo, vou pra escola, depois que volto eu normalmente vejo um pouco de TV, entro na internet, estudo... Raramente, quando dá tempo (geralmente antes de dormir) e eu tenho algum livro interessante eu leio”.*

Assim como na rotina dos outros sujeitos, o grande problema é a falta de tempo para que as leituras pessoais possam ser realizadas. Na grande maioria do tempo, o sujeito já tem atividades programadas e, no caso desse sujeito, o tempo livre é ainda menor devido aos estudos reforçados de preparação para o vestibular. Quando lê, costuma fazê-lo antes de dormir, deitado em seu quarto, por ser um ambiente silencioso no qual o sujeito geralmente se encontra sozinho e concentrado.

Quando significa a leitura em sua vida, relata:

*“É buscar alguma coisa que eu ainda não sei. Por exemplo, uma poesia. [citou Victor Hugo]. É tentar encontrar alguma coisa que mexa de verdade com você, que te inspire, que faça você parar e pensar. Sei que preciso ler e me satisfazer com aquela leitura. Às vezes é uma poesia muito bem escrita, que serve como estímulo pra você continuar lendo, ou é uma coisa que te faz pensar, refletir”.*

Em seguida, o sujeito descreve a leitura como uma prática que lhe inspira a criar suas obras – o sujeito escreve constantemente e já possui um livro publicado.

*“Nesta a hora a leitura serve como uma fonte de idéias, que eu vou escolher as que mais tem a ver comigo, que cabem na minha vida e que me inspirem a escrever, mas sempre da minha maneira”.*

Além disto, a leitura é um momento que lhe proporciona reflexões, traz novos saberes e funciona como um espaço de lazer. O sujeito reforça a idéia de que seu prazer pela leitura está intimamente ligado à liberdade de ler. A leitura que realiza para a escola, por exemplo, é obrigatória e envolve materiais que não são de seu interesse. Desta maneira, o sujeito comenta não sentir qualquer satisfação durante a leitura. Já os momentos em que escolhe o livro, o horário e o ritmo que deseja ler, a situação se modifica, tornando a leitura uma experiência envolvente. Sobre este assunto o sujeito comenta:

*“A leitura vai ser prazerosa se ninguém me forçar a ler. Porque eu sou muito preguiçoso, então não gosto de ter prazo pra acabar. Mas ao mesmo tempo, quando o livro é bom eu quero ler até o fim para saber o que é. Então eu gosto de me respeitar, seguir o meu ritmo”.*

## 2.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Como comentam STUBBS e DELAMONT (1976), “(...) *a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado*”. O problema da pesquisa busca entender não um fenômeno isolado, mas um *processo* de formação, que envolve inúmeras características e sentidos atribuídos pelos sujeitos e que merecem ser considerados.

A partir desta necessidade de descrição detalhada do fenômeno em questão, optou-se por um instrumento de coleta - as entrevistas - que possibilitasse a apreensão do maior número de características constituintes do processo de formação do leitor. Através do relato de experiências e da interpretação das mesmas pelos sujeitos participantes, foi possível compreender o fenômeno em sua complexa formação e identificar em meio às mais diversas particularidades, como se dá a participação da família e qual a importância do papel da mesma a esse processo.

Sendo uma ferramenta de coletas de dados dentro de uma pesquisa que se assume como qualitativa, as entrevistas realizadas buscavam, através da documentação da fala, apreender informações que representassem da maneira mais real e contextualizada possível, o processo de formação do leitor, e o papel que a família exerce durante o mesmo.

Ao selecionar apenas quatro informantes, o estudo buscou dedicar-se às entrevistas de forma que pudessem aprofundar a descrição do processo de formação do leitor o máximo possível, trazendo ao estudo, particularidades deste processo que, provavelmente, não seriam apreendidas numa coleta envolvendo um número extenso de sujeitos, com relatos breves e superficiais de experiências vividas.

Mesmo envolvendo apenas quatro histórias de vida, a pesquisa denuncia uma realidade maior, que extrapola o contexto específico dos quatro sujeitos. Além do estudo de uma micro realidade, é possível entender mecanismos e ferramentas de funcionamento de uma macro realidade, de uma parcela maior, que também acontece através dos mesmos fatores observados no foco recortado da pesquisa.

Desta maneira, os relatos aqui reunidos são representativos de um todo, de um contexto social maior e mais complexo, que está representado nas características observadas nas quatro histórias de vida dos sujeitos participantes. Segundo AGUIAR In: BOCK, GONÇALVES e FURTADO (2001):

*“(...) o indivíduo, apesar de ser único, contém a totalidade social e a expressa nas suas ações, pensamentos e sentimentos. Assim, o processo apreendido (e não as manifestações externas; respostas) a partir de um sujeito pode revelar algo constitutivo de outros sujeitos que vivem em condições semelhantes”. (p.140)*

Optou-se pela entrevista *individual e semi-estruturada*, isto é, entrevistas que se iniciam a partir de perguntas previamente planejadas, mas que em seu decorrer permitem uma certa liberdade ao sujeito, abrindo espaço para que ele discuta livremente o tema abordado.

Além do caráter semi-estruturado a entrevista foi desenvolvida dentro da modalidade *“história de vida tópica”* na qual, se focaliza uma etapa de vida do sujeito, neste caso o período da infância; através dos relatos, busca-se detalhar ao máximo as vivências da fase de vida e, a partir daí, iniciar a análise que busca compreender o problema pesquisado.

Segundo NETO In: FERREIRA (1994), o resgate da história de vida como uma ferramenta metodológica,

*“tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato”. (p.59)*

Desta maneira, a contribuição do relato de história de vida para a presente pesquisa é a possibilidade de se resgatar, nas falas do sujeito, não somente a descrição de vivências, mas a interpretação que os sujeitos fazem das mesmas, o sentido que atribuem a cada uma delas, e é neste momento que se torna possível apontar a presença da dimensão afetiva nas relações e nas experiências relatadas. As sensações e qualidades associadas às vivências representam a significação de teor afetivo que cada sujeito elabora.

Os quatro sujeitos foram contatados para uma primeira entrevista que seria gravada e analisada pelo pesquisador. Uma vez que os quatro se disseram de acordo

com os procedimentos da pesquisa e autorizaram o uso de seus relatos para o estudo em questão, iniciaram-se as conversas.

Cada entrevista teve duração média de trinta minutos e se constituiu num diálogo onde a fala do sujeito predominou. As perguntas feitas pelo pesquisador atuavam apenas como norteadores de temas a serem discutidos pelo sujeito, o que possibilitou uma liberdade de expressão bastante ampla a cada sujeito. Toda a descrição e argumentação em relação ao assunto perguntado ficavam a cargo exclusivo do discurso do sujeito.

Quando a primeira entrevista havia sido finalizada e, posteriormente transcrita, identificou-se novas perguntas que poderiam aprofundar as falas do sujeito, tornando seu depoimento mais enriquecido de detalhes e significações.

A partir da primeira entrevista, também se pôde formular perguntas que se dirigiam a temas anteriormente considerados como não relevantes para a pesquisa, mas que agora apareciam como aspectos dignos de maior investigação.

Desta forma, norteada por uma nova série de perguntas, acontecia a segunda entrevista. Assim como a primeira, esta foi gravada e posteriormente transcrita. Na segunda entrevista, os sujeitos focaram seu discurso na significação de cada experiência relatada no primeiro encontro, isto é, enquanto na primeira entrevista cada sujeito se limitou a descrever os detalhes de cada situação, o local, a época e as pessoas envolvidas em cada uma delas, no segundo encontro, os sujeitos descreviam a importância que cada experiência teve em sua formação enquanto leitor, assim como, as sensações que associavam às mesmas.

### **3. ANÁLISE DOS DADOS**

Foram realizadas duas entrevistas com cada sujeito, somando um total de oito entrevistas. Cada uma destas foi transcrita sendo que, as falas da segunda entrevista foram inseridas nas da primeira.

Complementar as falas da primeira entrevista com as falas da segunda foi um procedimento que permitiu uma descrição mais detalhada das experiências relatadas, uma vez que, além dos relatos das situações de leitura revelando características do local, da época e das pessoas envolvidas na experiência, obteve-se também, a significação afetiva que a situação teve na trajetória de formação do sujeito enquanto leitor, ou seja, o impacto que cada situação vivida imprimiu na solidificação das práticas de leitura do sujeito.

Depois de mescladas, as entrevistas passaram por um período de releitura buscando-se a identificação de aspectos nas falas que se mostrassem marcantes no processo de formação do leitor.

Foram destacados temas que apareciam na fala de um ou mais sujeitos e que, através de uma análise detalhada e orientada por fundamentos teóricos, pudessem trazer um maior entendimento do problema pesquisado.

Para organizar as falas de tal maneira, ou seja, em torno de temas que ilustrassem o processo de formação daqueles quatro sujeitos, utilizou-se o conceito de Núcleos de Significação do Discurso, definido por AGUIAR (2001) como:

*“[Agrupamentos que reúnem] (...)Temas/conteúdos/questões centrais apresentadas pelo sujeito, entendidos assim menos pela frequência e mais por aqueles que motivam, geram emoções e envolvimento. (...) Cada um dos núcleos deve, portanto, agregar questões intimamente relevantes para a compreensão dos aspectos pesquisados. (...) Tais núcleos são, pois, os organizadores das falas expressadas pelos sujeitos”.* (p.135, 136).

Segundo AGUIAR (2001), através de um período de leitura reflexiva, o pesquisador *“teve de buscar na fala dos sujeitos aquelas questões que mais os mobilizavam, as quais, em última instância, falavam dos sujeitos, e organizá-las, ou seja, organizar as falas que tinham uma íntima relação”.* (p.136)

Através do agrupamento das falas, foi possível esclarecer de que forma as experiências, as mediações, e as sensações envolvidas nesses momentos contribuíram ou não para que cada sujeito cristalizasse uma relação positiva com a leitura.

A maioria dos temas que definem cada núcleo aparece no relato de mais de um sujeito, enquanto que alguns, são específicos da história de vida de apenas um sujeito, mas também devem ser considerados, uma vez que, são significados enquanto determinantes na formação daquele sujeito.

AGUIAR (2001) discute este processo ao dizer:

*“(...)mesmo que alguma questão não tenha sido apresentada pelo sujeito como importante, mesmo que apareça pouco no discurso, o pesquisador pode avaliar que tal questão deveria ser destacada para ser analisada como um núcleo, por acreditar que se constitua num aspecto fundamental para a compreensão da questão a ser pesquisada (...)”.* (p.135, 136).

Nota-se então, a importância de se considerarem todos os aspectos relatados por um ou mais sujeitos que possam vir a esclarecer e aprofundar os objetivos da pesquisa, nesse caso, as mediações sujeito-leitura, vivenciadas no ambiente familiar, que puderam contribuir para o estabelecimento de uma relação de sucesso com a leitura.

A fase de organização dos dados permitiu a captação do sentido atribuído pelos sujeitos à sua trajetória de formação, isto é, a partir da leitura dos relatos gravados, foi possível inferir o que cada experiência vivida significou subjetivamente para o sujeito.

A partir dessa organização, os dados se mostraram mais claros, e com isso conseguiu-se um aprofundamento do olhar do pesquisador, que superou a mera aparência dos fatos. Descobriu-se um sentido que antes estava oculto sob as falas, uma significação pessoal do sujeito, que não necessariamente se mostrava explícita em seu depoimento.

A apreensão deste novo sentido que se revela através da análise dos dados possibilitou um maior esclarecimento da questão pesquisada, assim como, um entendimento maior da fala de cada sujeito e da realidade social que o envolve.

A análise, na seqüência, baseia-se nos dados empíricos e suas respectivas ressonâncias afetivas na trajetória de vida dos entrevistados.

Foram estabelecidos oito núcleos de significação do discurso reunindo recortes dos depoimentos dos quatro sujeitos. A seguir, segue a definição de cada um.

### **1. Descrição do sujeito enquanto leitor.**

Este primeiro núcleo agrupa falas nas quais os sujeitos caracterizam-se enquanto leitores. São descritos horários e locais preferidos para a leitura, o tipo de material lido, e qual a função que a leitura possui na vida de cada um dos sujeitos.

São falas que, em sua maioria, se deram no início das entrevistas, a fim de contextualizar cada sujeito dentro de uma realidade onde a prática da leitura se faz constantemente presente.

O núcleo está dividido em três subnúcleos:

- a) *Função da leitura* - no qual o sujeito descreve o que entende por leitura e qual a função da mesma dentro do rol de atividades que realiza em sua rotina diária
- b) *O material lido* - um subnúcleo que descreve o tipo e a qualidade do material escrito lido pelos sujeitos atualmente;
- c) *Rotina de leitura* - no qual os sujeitos descrevem as práticas de leitura que realizam, o local, horário e a frequência de suas leituras.

### **2. Acesso aos livros**

Este núcleo reúne trechos de depoimentos relacionados às estratégias de acesso de cada sujeito ao material escrito. São descritos os locais e a quantidade de material com que cada sujeito está habituado a ter contato dentro do ambiente familiar.

### **3. Rotina de leitura**

Foram reunidas falas relacionadas às rotinas de leitura vivenciadas pelos sujeitos durante a infância. São depoimentos que reforçam a importância que o ritual constante da leitura desempenhou na formação de cada sujeito enquanto leitor.

#### **4. O cantinho dos livros**

Este núcleo reúne falas a respeito dos espaços físicos dedicados especialmente aos livros ou à leitura. São falas descrevendo estantes, armários e pequenas prateleiras onde eram guardados os livros infantis, e locais especiais usados para momentos de leitura.

#### **5. Pais: os grandes mediadores**

O núcleo reúne falas nas quais os sujeitos descrevem e significam a qualidade das mais diversas situações de mediação realizadas por seus pais envolvendo o contato com os livros. Tais mediações foram responsáveis por proporcionar aos sujeitos as primeiras experiências de contato com o material escrito.

Estão reunidas falas que descrevem momentos de leitura, estratégias de incentivo utilizadas pelos pais e o tipo de material escrito selecionado.

Para uma melhor organização das falas, o núcleo se divide em quatro subnúcleos.

- a) *A mediação* – são reunidos trechos que descrevem as práticas de leitura que os pais organizavam dentro do ambiente familiar, e as significações elaboradas pelos sujeitos referentes a tais situações de leitura.
- b) *Formação* - São falas caracterizando a formação dos pais dos sujeitos – níveis de escolaridade e áreas em que os pais trabalham atualmente.
- c) *Relação entre os familiares* - O subnúcleo reúne trechos dos relatos que descrevem a qualidade da relação entre os sujeitos e seus pais
- d) *Pais leitores* - São falas apontando os pais de todos os sujeitos como bons leitores, isto é, mantinham um hábito pessoal de leitura dentro do ambiente familiar, o que se mostrou uma estratégia de incentivo à prática de leitura dos próprios sujeitos.

#### **6. A mediação dos avós**

Neste núcleo foram reunidos relatos que têm como personagem principal os avós. São experiências envolvendo leitura e contação de história que tinham como mediadores os avós dos sujeitos e que, segundo os mesmos, marcaram profundamente sua formação enquanto leitores.

## **7. Outros personagens/situações mediadores.**

Este núcleo agrupa relatos que apontam outras experiências, algumas fora do ambiente familiar, que contribuíram para que os mesmos construíssem uma relação positiva com os livros. São falas que identificam diferentes personagens/situações que transformaram a leitura em algo apaixonante para o sujeito.

Para melhor discutir cada um dos personagens/situações de mediação o núcleo foi fragmentado em cinco subnúcleos, sendo que cada um se refere à um diferente mediador: a)*Música*; b)*Irmãos*; c)*Escrita*; d)*Ex-namorado*; e)*Amigas*.

## **8. A (des)continuidade da escola**

O último núcleo tem como objetivo caracterizar o papel da escola na formação do indivíduo enquanto leitor, uma vez que, através das falas reunidas aqui, se observa o grande impacto positivo ou negativo que as experiências escolares relacionadas à leitura tiveram na vida de cada sujeito. São relatos que descrevem práticas de leitura que se deram dentro do ambiente escolar e que contribuíram ou não para que os mesmos estabelecessem uma relação positiva com a leitura.

Todos os núcleos e subnúcleos descritos acima são apresentados integralmente no Anexo 1, incluindo todos os trechos de falas selecionados que constituem cada um dos mesmos.

## **4. RESULTADOS**

A seguir, cada núcleo será apresentado detalhadamente para que seus conteúdos possam ser conhecidos. Procurou-se inserir trechos das falas que ilustram as questões mais marcantes de cada núcleo, o que permite uma descrição do movimento do olhar do pesquisador sobre a realidade encontrada nas falas dos sujeitos.

A intenção foi, como discutido por AGUIAR (2001), “(...)apreender as determinações que constituíam tais formas de significar, quais as motivações e necessidades que as constituíam”(p. 137), isto é, buscou-se identificar trechos nos discursos que explicitassem os sentidos que os sujeitos atribuíam à leitura.; quais os sentimentos associados às experiências e, portanto, a importância afetiva que cada uma delas teve na trajetória dos sujeitos.

A análise de cada núcleo não significa isolar os fatos e recortá-los de sua realidade social. Pelo contrário, significa aprofundar o olhar sobre cada um deles para, posteriormente integrá-los novamente, uma vez que todos fazem parte de um mesmo processo social, e somente articulados revelam um sentido.

Portanto, a separação das falas é apenas uma estratégia de organização dos dados. Tal idéia de análise dos dados também se encontra presente no texto de AGUIAR (2001) – “*assim, separamos os núcleos de significação para em seguida reintegra-los no seu movimento para, aí sim, apreende-los de forma mais global e profunda*”. (p.137)

### **4.1 - Núcleo 1: Descrição do sujeito enquanto leitor**

Este núcleo reuniu depoimentos que descrevem a função da leitura na opinião de cada sujeito, assim como práticas de leituras que se dão na rotina dos sujeitos e o tipo de material lido pelos mesmos. Além disso, ilustra o perfil do leitor que a pesquisa tinha a intenção de estudar, pois aqui é caracterizado o leitor considerado bem sucedido, que mantém uma relação positiva com a leitura. Tal definição será elaborada a partir das falas dos próprios sujeitos, tornando o perfil de leitor buscado pelo pesquisador um perfil real, contextualizado nas falas.

#### **a) A função da leitura**

Em relação à função da leitura, destacam-se falas que enfatizam a dimensão afetiva da relação entre o sujeito e o livro, uma vez que, nas falas, a relação com a

leitura é, definida como prazerosa. A leitura é uma situação que se dá por iniciativa do próprio sujeito e é caracterizada como um momento que diverte e interessa.

*“Leio mais por diversão, e também para aprender alguma coisa, não sei, depende do que eu leio. Acho que ela é mais diversão, eu leio é porque eu gosto mesmo”.* (Sujeito1, Anexo1)

Nesta concepção de leitura fica clara a forte presença da dimensão afetiva na relação entre o sujeito e o livro, pois ler é significado como uma prática que gera diversão e interesse, o que coloca a idéia de leitura enquanto prática que fornece o aumento da bagagem cultural, que informa e engrandece o senso crítico do leitor em um segundo plano.

O aumento da bagagem cultural e a formação crítica que é possibilitada através da leitura são entendidos como conseqüências do ato de uma leitura prazerosa e não como aspectos geradores/motivadores da prática de ler.

Os sujeitos reconhecem tal importância da leitura, pois consideram-na como uma prática que lhes dá acesso a novas informações e os constitui enquanto indivíduos; mas, antes disto, entendem-na como uma situação de lazer que os coloca em contato com assuntos interessantes relacionados aos seus gostos pessoais.

*“[Vejo a leitura] como prazer, como uma coisa legal, gostosa de fazer. Então você não tem que ler porque a professora mandou ou porque você acha que vai ser útil – você tem ler porque gosta, porque você acha divertido. Depois de gostar, a conseqüência é você se formar, ser um bom leitor, ter um vocabulário maior”.* (Sujeito2, Anexo1).

*“É através dela [leitura] que eu vou atrás das coisas que eu quero saber, que eu aprendo, que eu me divirto”.* (Sujeito1, Anexo1).

Nota-se, então, que a leitura não se mostra somente atrelada à idéia de uma prática fundamental para a formação, para a absorção de informações importantes, mas, antes, vem ligada à idéia de uma prática que propicia acesso a informações interessantes, que geram curiosidade e diversão, tornando a relação do sujeito com a leitura muito mais afetiva.

### b) O material lido pelo sujeito

O subnúcleo reuniu trechos que descrevem o material lido pelos sujeitos. Em sua grande maioria, as falas apontam para a escolha de livros que geram momentos de reflexão e questionamentos. São obras que discutem política, a realidade social, a cultura, pesquisas acadêmicas e, até mesmo, ficção científica, todos escritos em linguagem bastante elaborada.

As obras lidas pelos sujeitos fogem do gênero voltado ao consumo de massa, como, por exemplo, revistas adolescentes ou livros best-sellers. Pelo contrário, os materiais selecionados são bastante específicos e aprofundados.

*“Eu tava lendo na casa da minha mãe um livro do Max Weber, sobre o capitalismo, economia. Na casa do meu pai eu leio os livros sobre física, enfim, bastante coisa”. (Sujeito2, Anexo1).*

*“Leio muita ficção, fantasia, tudo! O que aparecer na minha frente eu leio. (...) O que mais me atrai nestas leituras é a descrição dos lugares onde a história se passa e também a História destes lugares e dos próprios personagens”. (Sujeito1, Anexo1).*

Segundo os depoimentos, o acesso a tais livros acontece dentro da casa dos sujeitos, uma vez que todos relataram a posse de grande quantidade de material e o constante uso dos mesmos. A quantidade e a qualidade do material escrito disponível dentro de casa parece facilitar a prática da leitura e aprofundar o nível da mesma.

Em relação à escolha dos temas a serem lidos, esta geralmente acontece por curiosidade e interesse pessoal dos próprios sujeitos ou através indicações de pessoas próximas que já os conhecem o suficiente para sugerir obras que lhes interessarão.

### c) A rotina atual de leitura

Os trechos de depoimentos reunidos neste subnúcleo permitem identificar a quantidade de tempo que cada sujeito reserva a suas práticas de leitura dentro de sua rotina e, a partir desta parcela de dedicação, é possível perceber a importância que a leitura possui dentro do rol de atividades dos sujeitos.

Os quatro sujeitos entrevistados relataram hábitos de leitura diários, sendo impedidos apenas pela falta de tempo livre, devido à dedicação intensa aos estudos escolares e a prática de atividades extras, como aulas de inglês ou esportes.

*“Eu estou sempre lendo algum livro, alguma coisa. Então costumo ler a tarde, quando tenho tempo livre, e também nos finais de semana, principalmente no domingo que não tem nada pra fazer”. (Sujeito3, Anexo1).*

Identifica-se que, apesar da leitura acontecer constantemente na rotina dos sujeitos, ela não se dá devido à obrigação estipulada por qualquer sugestão externa dos pais ou da escola. Ela acontece por iniciativa dos próprios sujeitos e em horários e locais estipulados pelos mesmos, configurando-se como uma prática livre e que depende exclusivamente do tempo livre e da disposição do sujeito.

As falas deste núcleo também revelam a preferência por locais calmos e silenciosos, onde o leitor possa estar sozinho e concentrado em sua leitura. O espaço mais citado pelos sujeitos foi o quarto de dormir, no qual conseguem realizar a leitura confortável e individualmente e, na maioria das vezes, na parte da noite, antes de se deitarem para dormir.

*“Eu não tenho horário para ler. Eu leio quando eu quero, quando estou com vontade. Em casa, às vezes eu pego um livro e na cama, antes de dormir eu vou ler, deixo na cabeceira e depois pego de novo”. (Sujeito2, Anexo1).*

Outro espaço citado para a leitura foi a sala de aula – os sujeitos costumam ler livros pessoais durante aulas nas quais se sentem desinteressados ou desmotivados para participar. Levam livros de casa para a escola e lêem nesses momentos como uma forma de passatempo e, geralmente, o fazem escondidos dos professores.

O perfil que se configurou a partir da leitura desses depoimentos aponta um sujeito que entende a leitura como uma forma de lazer que o lhe desperta o interesse para buscar novas informações e, sem precisar ser obrigado por alguma norma ou pessoa próxima, realiza a leitura autonomamente, transformando-a em mais um hábito em meio a todas as outras atividades que pratica em seu cotidiano.

#### 4.2 - Núcleo 2: O acesso aos livros

Este núcleo reuniu trechos de depoimentos que se remetem às estratégias de cada sujeito para ter acesso ao material escrito de seu interesse.

Um primeiro aspecto que se destaca nas falas deste núcleo é a facilidade do contato com os livros, ou seja, os depoimentos revelam que todos os sujeitos possuíam uma abundância de material escrito dentro da própria casa, ou tinham acesso a outros espaços que facilitavam o acesso aos livros (escola, internet, biblioteca).

*“O escritório do meu pai tem várias prateleiras com os livros dele, o meu quarto tem os meus, a minha irmã também tem alguns livros no quarto dela, mas eu acho que os espaços são meio divididos...cada um tem o seu e os seus próprios livros. Os livros mais velhos a gente leva para uma dispensa em baixo da casa que guarda um monte de livros”.*  
(Sujeito3, Anexo1).

É importante ressaltar que os quatro sujeitos entrevistados pertencem a uma família de nível sócio-econômico privilegiado, na qual a situação financeira permitiu a compra de material escrito desde a infância dos sujeitos, tornando o ambiente familiar um espaço bem preparado em termos de quantidade e variedade de livros.

Além do poder aquisitivo das famílias, considera-se que os pais percebiam a importância de prover livros aos seus filhos desde pequenos, de estabelecer um contato íntimo entre a criança e o material escrito, e o faziam sempre, trazendo livros infantis e gibis para dentro de casa e deixando-os à disposição dos sujeitos para que explorassem o material.

Atualmente, quando não encontram dentro de casa o material que desejam ler, os sujeitos relatam que têm à sua disposição outros espaços que lhes fornecem o material, como por exemplo, a biblioteca da escola com um acervo extenso, ou amigos leitores com quem costumam emprestar ou trocar livros.

Vale ressaltar que a biblioteca da escola é sempre citada como um ambiente secundário de busca. Antes de fazer uso deste espaço, os sujeitos preferem buscar o que desejam dentro de casa ou com amigos.

Os sujeitos ainda afirmam que, mesmo que nenhum destes espaços/pessoas venha lhes fornecer o material desejado, ainda dispõem de uma condição financeira que lhes permite a compra de novos livros.

Quanto à natureza dos livros, nota-se a preferência por livros de temas que interessavam cada sujeito e livros adequados às fases de vida relatadas pelos mesmos. Não apenas houve um contato próximo com o material escrito, desde a infância, mas a qualidade deste é levada em consideração pela família e tida como um fator essencial no fortalecimento da relação positiva entre o sujeito e a leitura.

*“Eles compravam um monte. Compravam livros fáceis, bem de criança, (...)Era livrinho de história pra criança, história curtinha, fácil de entender. E quando a gente era pequena a gente adorava fada, duende, estas coisas...Então a minha mãe comprava muito livro deste tipo e a gente adorava”.* (Sujeito3, Anexo1).

#### **4.3- Núcleo 3: Rotina de leitura**

Neste núcleo encontram-se falas que descrevem práticas de leitura que se deram durante a infância dos sujeitos, dentro do ambiente familiar. Apesar do termo rotina, a maioria dos relatos aponta para situações onde a leitura acontecia de maneira espontânea, isto é, sem o caráter obrigatório. Os sujeitos tinham a liberdade de escolha do horário, do local e do material que gostariam de ler.

Essas situações em que a leitura acontecia naturalmente, partindo do interesse do próprio sujeito ou de um convite carinhoso dos pais, são as mais marcantes, segundo os sujeitos, e são consideradas como fundamentais para a consolidação das práticas de leitura dos mesmos. Assim, percebe-se que as rotinas de leitura nem sempre possuíam um espaço e/ou tempo pré-determinados, mas nem por isto deixavam de acontecer.

*“Eu acho que o costume da leitura livre dentro de casa me mostrou que ler um livro ou um gibi podia ser tão interessante ou divertido quando assistir televisão, ou qualquer outra atividade”.* (Sujeito1, Anexo1).

Uma característica marcante das rotinas de leitura relatadas pelos sujeitos foi o envolvimento não só do próprio sujeito, mas de outros personagens que estavam presentes no momento da leitura: os pais, irmãos e avós liam juntamente com a criança

ou estavam apenas por perto, lendo seus próprios livros, configurando-se como modelos incentivadores e parceiros naquela atividade.

O fato das situações envolverem outras pessoas aponta que, além do contato rotineiro com os livros, a presença desses mediadores foi fundamental, pois além do prazer em folhear e explorar o material escrito, os sujeitos estavam de alguma forma relacionando-se com pessoas próximas com quem mantinham uma relação íntima e afetivamente positiva.

A leitura era um momento que aproximava essas pessoas e, ao mediar o contato da criança com o livro, aproximavam o elo de ligação com a mesma, o que tornava a situação um momento de trocas afetivas muito intensas e marcantes. As sensações positivas eram posteriormente transferidas aos livros, transformando-os em um objeto agradável ao sujeito.

*(...)”Essa hora à noite era boa porque não era a lição de casa, era mais por lazer, era estar junto com meus pais. Era gostoso, mas eu lembro que eu preferia ouvir eles contando a ter que ler, porque eu já tava cansada de ler o tempo todo”. (Sujeito3, Anexo1).*

A partir desses relatos, percebe-se que, além do contato constante com os livros e a presença de mediadores, a qualidade da mediação realizada pelos mesmos era fundamental – as situações relatadas apontam que o convite à leitura envolvia o respeito ao interesse da criança em ler naquele momento. Os pais não obrigavam a criança a ler, mas faziam da leitura um momento atrativo, que acabava por despertar o interesse da criança em participar daquela atividade.

Através da mediação relatada pelos sujeitos, a leitura adquiria um caráter de diversão, um momento em que o contato com o livro era relaxante e envolvia proximidade entre a criança e o mediador, configurando-se também como uma situação lúdica.

*“Eles nunca me obrigaram a nada, coisa que eu realmente não gosto. Depois, eles sempre conseguiram me atingir de um jeito gostoso, porque eram pessoas próximas que me conheciam muito bem, sabiam o que eu iria gostar e o que não. Fizeram as coisas de um jeito agradável... Com a minha cara”. (Sujeito 4, Anexo1).*

Vale ressaltar que a leitura em casa é apontada pelos sujeitos como oposta à rotina de leitura realizada dentro da escola – uma leitura obrigatória, silenciosa e individual, focada na simples e mecânica decodificação das letras.

#### **4.4 - Núcleo 4: O Cantinho dos livros**

Este núcleo reuniu trechos de depoimentos que descreviam locais específicos da casa onde eram guardados os livros. Possuir um espaço físico reservado unicamente aos livros aponta, antes de tudo, o valor atribuído ao material escrito, uma vez que este garante um local especial dentro do ambiente familiar.

Ao mesmo tempo, possuir um cantinho reservado aos livros mostrou-se uma estratégia bem sucedida, ao facilitar o contato do sujeito com o livro – o sujeito sabia sempre onde encontrar seus livros e podia organizá-los e manipulá-los à sua própria maneira.

As falas revelam que os quatro sujeitos possuíam locais onde eram guardados os livros e alguns deles caracterizam esse local como uma pequena biblioteca, que armazenava diferentes gêneros de obras.

*“Havia uma estante na sala de casa, onde ficavam todos os livros. Era uma estante um tanto alta, cheia de livros, que ficava ao lado do sofá na sala. Era um lugar difícil de alcançar, tanto que eu lembro de ter caído várias vezes ao tentar subir para pegar algum livro. Mesmo assim, eu insistia em tentar pegá-los. Todo mundo em casa usava estes livros, porque todos os tipos de livros ficavam nesta mesma estante. (Sujeito1, Anexo1)*

Outro aspecto que se destaca na descrição desses espaços físicos é a constante presença de livros infantis. Os livros geralmente ficavam separados do resto do acervo para facilitar que a criança os encontrasse. As estantes dos livros infantis normalmente eram mais baixas e guardavam livros coloridos de diferentes tamanhos, o que chamava ainda mais a atenção dos sujeitos.

A liberdade em utilizar os livros a qualquer momento e da forma que desejassem – apenas folheando, observando as imagens, lendo em voz alta – foi um aspecto que,

segundo os sujeitos, contribuiu para que a leitura se tornasse algo divertido, sem regras ou rotinas rígidas.

*“Era uma prateleira onde ficavam todos os livros da casa – tanto os de criança quanto os dos meus pais. Minha mãe fez uma separação, então a gente sabia onde ficavam os nossos livros. Quando dava vontade era só ir até lá. A gente subia na escrivaninha e puxava alguns. (...) Eu ficava folheando, lendo e quando percebia já tinha passado um tempão que eu estava ali”.* (Sujeito 4, Anexo1)

Um dos sujeitos relata uma situação onde o espaço físico era o destaque, não por armazenar os livros, mas por funcionar como um espaço de leitura particular.

*“Eu pegava livro na sala e ia ler debaixo do telhado. (...) Tinha um vãozinho entre o muro e o telhado, e eu ficava ali lendo. Sozinho, quieto. Ali era bom, era gostoso. E as vezes, no final da tarde você subia ali e ficava observando o pôr-do-sol. Era muito dez, cara. Eu subia todo dia, levava livro, pulava lá de cima”.* (Sujeito2, Anexo1)

Na fala do sujeito, o carinho e o valor atribuídos ao local se mostram muito claros e, ao realizar a leitura nesse local, pode-se entender que ela também possuía um sentido especial ao sujeito por ser realizada em um espaço de grande significação afetiva para o mesmo.

#### **4.5 - Núcleo 5: Pais, os grandes mediadores**

Neste núcleo, foram reunidos trechos descrevendo as situações que mais causaram impacto na trajetória de formação dos sujeitos enquanto leitores. As mediações envolvendo os pais foram responsáveis pelas primeiras experiências de contato entre os sujeitos e o material escrito. Portanto, a qualidade das interações e das práticas aqui relatadas foi determinante para o surgimento da relação com os livros e para que a mesma se consolidasse de maneira afetivamente positiva.

##### a) A mediação

Os relatos reunidos neste subnúcleo, que trata da mediação realizada pelos pais, são sempre caracterizados como situações que contribuíam para que o sujeito se sentisse

cada vez mais interessado em ler, ou seja, na opinião dos sujeitos, a mediação dos pais propiciou constantemente situações que, de alguma maneira, *incentivaram* o desenvolvimento do prazer pelo contato com os livros.

Um primeiro ponto que se destaca nas falas sobre a mediação dos pais é o fornecimento de material aos sujeitos. Em todos os relatos destaca-se o fato de que os pais mantinham o hábito constante de comprar livros e disponibilizá-los. Estavam sempre trazendo novos livros de histórias, revistas e gibis que chamavam a atenção por seus temas divertidos, por terem capas e imagens coloridas, e eram sempre recebidos como presentes especiais.

O fato de comprarem material aponta que os pais concebiam a leitura como um investimento financeiro e cultural válido, e que tal prática merecia espaço na rotina de seus filhos. Além de explicitar a consciência da importância da leitura, fornecer material foi uma estratégia da família que aproximou o contato dos sujeitos com os livros, pois facilitou o acesso ao material, uma vez que, este encontrava-se dentro de casa, em locais de fácil acesso e manipulação.

*“A maioria (dos livros) a minha mãe comprava, trazia novinho pra gente. Também já tinha muita coisa do meu irmão, que lia e lê muito até hoje. Os livros dele também eram gostosos, então deu pra aproveitar. Eu gostava muito das capas coloridas, que chamavam a atenção”.* (Sujeito4, Anexo1)

Além de adquirir o material, os sujeitos apontam que os pais o apresentavam de uma maneira marcante, despertando o interesse e a curiosidade. O livro tornava-se um objeto interessante a partir do momento em que os pais incentivavam a sua leitura e a exploração das imagens e das histórias contidas no mesmo. Portanto, nota-se que o fator motivador não era somente a compra de materiais, mas a forma com que esses eram tratados; o valor afetivo que lhes era atribuído, através da mediação dos pais, era o grande responsável por despertar o interesse dos sujeitos.

A não imposição da leitura, associada ao manuseio dos livros foi uma estratégia de mediação considerada positiva pelos sujeitos, pois caracterizou a leitura como um momento livre de cobranças, que deveria ocorrer motivada pela diversão e pelo prazer. Os sujeitos sentiam-se interessados pela leitura e participavam por iniciativa própria das experiências organizadas pelos pais, pois eram situações que não os forçavam mas lhes propiciavam prazer, diversão e a reunião em família.

*“Ah, ela mostrava a capa, dava na nossa mão e dizia: -‘Olha, trouxe estes livrinhos pra vocês, vai lendo um de cada vez’. As vezes ela já deixava com a gente, as vezes ela mostrava direitinho onde ia guardá-los. Ela sempre foi muito carismática, daquelas que abrem o sorriso e contagiam os filhos. E era assim que ela vinha, toda feliz e sorrindo. Pôxa! Pra mim, este já ra um motivo suficiente”.* ( Sujeito4, Anexo1)

Outra estratégia de incentivo que contribuiu positivamente para a formação dos sujeitos enquanto leitores foi a leitura conjunta, isto é, situações onde os pais e os sujeitos se reuniam com o propósito de partilhar a leitura; havia momentos em que o sujeito era o leitor, e outros em que era ouvinte de histórias lidas ou contadas oralmente.

Em ambas as situações, os entrevistados apontam uma grande satisfação por vivenciar tais experiências e confirmam que as mesmas garantiram sucesso na solidificação de suas práticas de leitura.

Estar próximo aos pais, no momento de leitura, envolvia a troca de idéias, o diálogo e carinho físico, que tornavam a atmosfera afetiva do momento muito intensa e significativa para o sujeito. Ao fazer parte desta situação tão prazerosa, o livro também acabou marcado positivamente, inspirando os sujeitos a manterem a prática de leitura, uma vez que agora ela suscitava sensações sempre afetivamente positivas.

*“Tirando a parte chata da cobrança do colégio, era muito legal. Meu pai contanto história pra gente na cama, geralmente histórias bíblicas que ele mudava pra ficar mais engraçado... Então acho que foi muito bom. Eles não fizeram tanto com a consciência de incentivar a leitura...foi mais pelo prazer, por ser gostoso, e no fim isso acabou incentivando”.* (Sujeito3, Anexo1)

A presença dos pais durante as situações de leitura também contribuiu para que o incentivo ao uso dos livros tivesse um sentido real, pois os sujeitos não recebiam apenas a recomendação oral para ler, mas vivenciavam a participação ativa dos pais nos momentos de leitura. Desta forma, os pais tornaram-se modelos coerentes, pois, além de valorizar a leitura, eles também a realizavam junto com seus filhos, confirmando, na prática, a importância da mesma.

*“Em casa eles não deixavam eu ver muita TV – já iam dizendo pra desligar e pegar um livro. Aí eles sentavam junto comigo, a gente pegava um livro de história e ia ler. Isso incentivava muito a gente – eles estavam sempre ali dizendo: Tenta, tenta”. (Sujeito2, Anexo1)*

Ainda com relação aos momentos de leitura conjunta, uma experiência muito citada e considerada importante pelos entrevistados foi a contação de histórias antes de dormir. A família reunia-se no quarto com o objetivo de partilhar momentos de diversão. Estes aconteciam através da leitura ou da contação oral. Muitas vezes, a leitura de histórias era apenas uma estratégia para fazer as crianças adormecerem; no entanto, ela atingiu um resultado que foi, além disso, pois é caracterizada pelos sujeitos como uma experiência extremamente positiva, que marcou o processo de elaboração da concepção de leitura.

*“Meu pai que contava mais historias antes da gente ir dormir. Eu dormia num quarto, minha irmã no outro, e no meio tinha um banheiro onde meu pai ficava contando historias. A gente não queria que ele ficasse no quarto nem de uma nem de outra; ele tinha que ficar no meio. Ai ele sentava na pia e ficava contando historia pra gente. Na verdade eram umas 3 historinhas que ele sempre contava e a gente pedia pra ele repetir umas 20 vezes. Ah, era gostoso, eu gostava bastante! Isto faz você gostar de ouvir histórias e por eu gostar eu fui querer ler, aprender e conhecer novas histórias”. (Sujeito3, Anexo1)*

Quanto às situações que envolviam a leitura antes do momento de dormir, as sensações associadas são sempre positivas e até mesmo nostálgicas – ao descrever esses momentos, os sujeitos demonstraram um sentimento de saudade.

*“Meus pais liam historinhas de criança, geralmente antes de dormir. Saudades dessa época... Quando eu queria ouvir uma história, eu mesmo pedia para que eles lessem alguma coisa. Eles liam as histórias no meu quarto mesmo, ou na sala de casa”. (Sujeito1, Anexo1)*

Finalmente, vale ressaltar que a ênfase na fala dos sujeitos é sempre ao fato de que a leitura como os pais aconteceu de forma livre, sem o caráter obrigatório, e em momentos onde todos estavam reunidos em locais confortáveis e se mantinham

próximos física e emocionalmente, imprimindo à a experiência de leitura com sensações sempre positivas.

#### b) A formação dos pais

A formação dos pais é um aspecto dos relatos que se mostrou vinculado ao fato de as famílias dos quatro entrevistados valorizarem e incentivarem, através de diferentes estratégias, a prática da leitura.

Nos quatro relatos encontram-se pais formados no nível superior, alguns com diplomas internacionais, outros já cursando mestrado e doutorado, todos em universidades públicas. Essa característica revela que os pais destes sujeitos vivenciaram um processo de formação que envolveu o contato intenso com a leitura. Ao solidificarem o hábito de ler, os pais tiveram a oportunidade de entender a importância da mesma, uma vez que era esta a geradora de novas idéias e reflexões que contribuíram com a sua formação.

Desta forma, entendendo a leitura como uma prática fundamental ao crescimento intelectual, os pais mobilizaram-se a organizar experiências que pudessem trazer os mesmos benefícios aos seus filhos.

Ainda em relação à formação dos pais, mas fora do ambiente acadêmico, um relato mostra-se importante ao descrever como as vivências sociais dos pais também contribuíram para que os mesmos considerassem a leitura como um canal de ascensão cultural e de refinamento do senso crítico.

*“Meus pais foram militantes na época da ditadura, da resistência, foram presos, aquela coisa toda, e minha mãe fazia parte do movimento estudantil, meu pai fazia parte do movimento estudantil católico. Meu pai foi totalmente socialista; ele foi para a França exilado, fez discurso sobre Fidel, sobre as relações em convenção. Minha mãe era totalmente anarquista”. (Sujeito1, Anexo1).*

O sujeito comenta que seus pais costumavam discutir sobre política com os filhos e indicar livros sobre o assunto, tema que se firmou, para o sujeito, como um motivador para novas leituras.

Outro aspecto que concerne à formação dos pais, e que influenciou o processo de formação dos sujeitos enquanto leitores, foi o fato de que uma boa formação acadêmica

possibilitou a garantia de um emprego que pudesse oferecer boas condições econômicas às famílias dos sujeitos. Possuindo recursos financeiros disponíveis, os pais puderam investir na compra de livros e escolher ambientes educativos que também valorizassem a leitura enquanto uma prática fundamental para a formação dos filhos.

#### c) A relação com os pais

Na fala dos quatro sujeitos, a relação cotidiana no ambiente familiar foi caracterizada positivamente. São descritos momentos em que os membros se reúnem e conversam, trocando idéias e discutindo, produzindo sensações positivas e aproximando ainda mais os membros da família.

Há ênfase na presença do diálogo – os sujeitos afirmam estar sempre conversando com os pais de maneira amigável, podendo desta maneira, trocar idéias, questionar, emitir opiniões e resolver problemas coletivamente.

*[A relação] Foi sempre ótima. É claro que sempre tem as brigas, mas nada fora do normal. A gente conversa bastante e dá muita risada. Principalmente na hora do almoço quando o pessoal se reúne, porque no resto do dia cada um tem seus horários...(Sujeito4, Anexo1)*

Manter uma relação aberta de diálogo entre os membros da família possibilitou que a amizade se fortalecesse e as recomendações dos pais fossem sempre bem vindas pelos sujeitos, sendo uma delas, o incentivo ao hábito da leitura.

#### d) Pais leitores

Este subnúcleo reúne falas que descrevem a importância que as práticas de leitura dos pais produziram na formação dos sujeitos enquanto leitores. São relatos que apontam para o fato de que os pais não só incentivaram os sujeitos diretamente, através do incentivo da leitura, mas, ao manterem hábitos pessoais de leitura, configuraram-se como modelos que serviram como inspiração para os sujeitos.

*“Eles [os pais] mostravam que ler é gostoso, ler é legal. Eles ficavam ali, incentivando também... Serviam como modelos e eu pensava: “se eles estão ali lendo, porque eu também não posso?”.* (Sujeito2, Anexo1).

Aos observarem os pais, os sujeitos entendiam que ler era algo importante pois era uma prática que merecia espaço na rotina de pessoas que tanto admiravam. Além disso, ao perceberem a sensação de prazer que os pais transmitiam nesses momentos, os sujeitos sentiam-se motivados a fazer o mesmo.

Outra contribuição resultante da prática de leitura dos pais foi a grande quantidade de livros que estes emprestavam, indicavam ou relatavam oralmente aos sujeitos, fazendo com o que o hábito de leitura na família se mantivesse.

#### **4.6 - Núcleo 6: A mediação dos avós**

Este núcleo reuniu falas que caracterizam os avós como personagens importantes nas trajetórias dos sujeitos por terem, de alguma maneira, marcado a relação destes com a leitura.

Um primeiro aspecto que destaca-se nos relatos é a contação de histórias. Os sujeitos descrevem situações em que os avós contavam histórias oralmente, descrevendo épocas e contos antigos, histórias bíblicas e de fantasias, permitindo que o sujeitos imaginassem cenas e personagens próprios, tornando o momento da contação algo marcado pelo prazer.

Os momentos relatados envolvem a descrição de avós dóceis, carinhosas que, ao contarem histórias, colocavam-se próximas aos sujeitos, abraçando-os e sempre sorrindo. Esta descrição permite identificar que a troca afetiva nesses momentos era intensa, o que também tornava as histórias envolvidas na experiência, afetivamente positivas.

*“Tem a minha outra avó, que costumava contar bastante história da vida dela, dos bailes, da época antiga...Era engraçado, a gente morria de dar risada! Ela acordava a gente no meio da noite e como meu pai não deixava ela dar doce pra gente, ela dava durante a noite no quarto dela. Enquanto a gente comia, ela ia contando as histórias dela. Eu achava o máximo!”* (Sujeito 3, Anexo1).

No relato do sujeito 2 há a descrição de um momento em que os avós, por serem semi-analfabetos, não puderam contribuir no processo de formação do sujeito enquanto leitor – os avós não contavam histórias ou incentivavam a leitura do material escrito. A não participação no processo de formação deste sujeito enquanto leitor foi tão sentida pelo mesmo, que seu interesse pela leitura diminuiu.

*“Meus avós são pouco instruídos, semi-analfabetos. Minha avó estudou até a terceira série e meu avô até a quarta série.(...) [Não mantenho hábitos de leitura atualmente] porque fui crescendo e depois que meus pais separaram eu fui morar com os meus avós, eu não tinha incentivo para ler lá. Eles não falavam: “Vai ler, pega este livro, este aqui é bom este não...”*

(Sujeito2, Anexo1).

Através deste relato nota-se como a mediação dos avós foi importante para processo de formação do sujeito enquanto leitor, uma vez que, esses foram personagens próximos e íntimos aos sujeitos, que possuíam influência suficiente para imprimir características positivas/negativas ao momento de leitura, marcando, desta maneira, a relação que o sujeito estabelecia com os livros.

#### **4.7 - Núcleo 7: Outros personagens/situações mediadores**

Assim como os pais e avós se mostraram importantes mediadores durante a trajetória de cada sujeito, houve outros personagens/situações apontados que também desempenharam um importante papel pois, de alguma maneira, marcaram a relação dos sujeitos com a leitura de forma positiva, contribuindo para que ela se fortalecesse e se solidificasse.

##### a) Música

A música aparece como um incentivador da leitura em duas situações: na primeira a música foi uma fonte de inspiração. O sujeito admirava compositores e a cultura elaborada que possuíam e entendia que elevado nível intelectual era consequência de práticas de leitura que geravam reflexões e construíam novos saberes. O sujeito, na busca da ascensão intelectual para “igualar-se” aos artistas que admirava, buscou o hábito da leitura.

*“Tem também a influência da música, dos artistas que eu realmente gosto. Eu percebi que para chegarem até onde estão, passaram a sua mensagem de um jeito tão bonito e perfeito, passaram por um processo que envolveu muita leitura, que trouxe bagagem e amadurecimento”. (Sujeito4, Anexo1).*

A segunda situação coloca a música como uma prática que exige criações originais as quais só seriam possíveis através da busca por novas idéias que, por sua vez, estariam nos livros ou seriam geradas a partir da reflexão que acontece no momento da leitura.

O sujeito escrevia letras de música para sua banda e, nos momentos em que compunha, buscava inspiração em autores e compositores não só relacionados com a música, mas em outros que discutissem os temas de cada música como, por exemplo, a política ou as emoções.

*“Eu tinha uma banda. Então precisávamos escrever letras de música e eu gostava de escrever em poesia, mas queria escrever coisas legais, e por isso comecei a procurar autores para ler mais sobre isso”. (Sujeito3, Anexo1).*

#### b) Irmãos

Nos relatos de dois sujeitos, aparecem descrições de situações de leitura envolvendo irmãos e, segundo a significação dos próprios sujeitos, estas situações mostraram-se importantes durante o trajeto de constituição dos mesmos enquanto leitores.

A primeira característica que pode ser apontada nestes relatos é a natureza da relação entre os sujeitos e seus irmãos – era uma relação de forte amizade e companheirismo e, sendo os irmãos mais velhos, uma relação de respeito e admiração.

*“(...)Foi o irmão que mais viveu perto de mim. A gente dormia no mesmo quarto. Então eu estava sempre por perto quando ele estava escrevendo ou lendo. Tinha até que parar de fazer barulho no quarto pra não atrapalhar. Eu acho que ele ajudou porque percebi que para escrever como ele, era preciso ler muito”. (Sujeito4, Anexo1).*

Somente pelo fato de serem mais velhos, pode-se entender que os irmãos já se configuravam como modelos aos olhos dos sujeitos, pois suas atitudes, gostos e comportamentos eram constantemente observados e copiados pelos sujeitos. A relação afetivamente positiva com os irmãos contribuiu ainda mais para que a sua imagem se tornasse um referencial e suas práticas cotidianas fossem tomadas como exemplo pelos sujeitos.

Em ambos os relatos, os irmãos mais velhos também eram leitores e, ao serem observados em seus momentos de leitura, atuavam como modelos inspiradores. A

curiosidade em saber o que o irmão estava lendo e a vontade de imitar o momento de leitura do irmão aproximaram o contato do sujeito com os livros, caracterizando a leitura como algo afetivamente positivo, uma vez que estava relacionada à imagem de alguém importante, o irmão tão admirado.

*“Eu acho que o que me fez ler foi o meu irmão – ele é um cara que lê muito, muito mesmo. Vendo que ele lê, e tem uma cultura a mais por causa disto, o meu prazer superou a minha preguiça e fiz o mesmo que ele. (...) Ver ele ler me inspirou a correr atrás dos livros, porque eu percebi que isto trazia certos benefícios. (...) Eu também lembro de ficar observando ele ler, de um jeito interessante, entretido, silencioso. Quando ele parava de ler, assim que saía do quarto eu ia correndo ver qual o era o livro e sobre o que ele falava. Acho que isto também pode ter influenciado”. (Sujeito4, Anexo1).*

### c) Escrita

A escrita aparece no relato dos sujeitos como uma situação que os levou a ter mais contato com a leitura. Dois dos sujeitos entrevistados são também escritores, mantêm o hábito de escrever contos e poesias e, na busca por inspiração e novas idéias, recorrem aos livros. Os sujeitos dizem utilizar as leituras como fontes de novos temas e como exemplos de escritas cultas e originais, que servem de base para suas próprias criações.

*“Outra coisa que acho que me incentiva a ler é o fato de eu gostar de escrever. E acho que quando você escreve, você precisa procurar novas informações nos livros. Quando eu escrevo um conto, eu vou atrás de livros e textos que tenham a ver com o meu tema, para ver como os autores escrevem, o que eles tem pra dizer sobre aquilo”. (Sujeito3, Anexo1)*

Através do processo de escrita, os sujeitos não somente utilizam a leitura enquanto uma fonte de consulta por novas idéias, fazendo desta um hábito ocasional que acontece apenas em momentos de necessidade, mas também lêem por entenderem que este momento é capaz de elaborar a bagagem cultural que já possuem, tornando-os capazes de escrever de forma cada vez mais refinada.

Além de entenderem a contribuição da leitura na melhoria de sua capacidade de escrita, os sujeitos passaram a se interessar mais ainda pelos livros, ao entrarem em

contato com obras escritas por autores que admiravam e com qualidade de linguagem que desejavam atingir.

Ler tais livros fortaleceu ainda mais a relação entre os sujeitos e a leitura, que agora não só liam buscando idéias para suas criações, mas também aproveitavam o momento de leitura de obras que tanto admiravam.

*“Eu lia as coisas por achar elas bonitas, porque queria escrever daquele jeito, naquela linguagem trabalhada. Então, a qualidade dos livros que eu li me ajudou a gostar de ler”.* (Sujeito3, Anexo1)

#### d) Ex-namorado

Este personagem é citado em apenas um relato, mas por ter sido alguém marcante e bastante influente na relação que se estabeleceu entre o sujeito e a leitura, optou-se por descrever e discutir este personagem mediador.

O que se destaca nesta situação é que, assim como outras pessoas próximas aos sujeitos por quem estes mantinham uma relação de respeito e admiração, o ex-namorado também atuou como um modelo inspirador, na medida em que era um leitor bem sucedido, e constantemente indicava livros ao sujeito e o presenteava com títulos de diferentes gêneros.

Por ser uma pessoa muito próxima, as práticas de leitura do ex-namorado eram observadas e acabaram inspirando o próprio sujeito a realizá-las. Além disto, o sujeito aponta que o gosto pessoal de ambos era parecido, pois costumavam ler os mesmos gêneros de livros, o que posteriormente gerava um debate sobre os mesmos.

Desta forma, mais do que um passatempo, a leitura estava presente na relação do casal como uma prática que tinha grande importância e que gerava interação entre os dois, aproximando-os.

Outro aspecto deste relato é a constante troca e empréstimo de livros que acontecia entre o sujeito e seu namorado, gerando um maior acesso, a diferentes gêneros de material escrito.

*“Meu ex-namorado lia muito também. Mas nesta época eu já lia bastante. Com ele eu comecei a ler algumas coisas diferentes, tipo contos de terror e suspense de estilo gótico. Ele foi uma pessoa que me emprestou muitos livros (alguns deles eu nem devolvi porque gostei), e acho que por isso, ele foi uma pessoa*

*que incentivou ainda mais a minha leitura. (...) Foi um incentivo...Eu já gostava de ler, então a gente trocava livros. Então ajudou a manter o hábito de ler”.*(Sujeito3, Anexo1)

e) Amigas

Aparecendo em apenas um relato, a personagem da amiga, semelhante ao ex-namorado, foi considerada como relevante para o estudo por ilustrar mais uma situação que se mostrou marcante no processo de formação do sujeito enquanto leitor.

A partir da interação entre o sujeito e as amigas, o contato com os livros adquiriu um caráter especial, um momento de diversão em grupo que gerava brincadeiras, discussão em conjunto e fortalecia a relação das pessoas envolvidas na situação.

O uso de livros dentro da brincadeira permitiu que o sujeito os entendesse como objetos que tinham a função de informar mas que o faziam de uma maneira que agradava e interessava. A partir da brincadeira com os livros, o sujeito foi aos poucos se interessando por eles, não só durante os momentos em que estava com as amigas, mas em momentos em que se via sozinho procurando por algo interessante.

*“A gente ia brincar na casa de uma amiga, de escolinha e estas coisas, aí surgia a idéia de escrever e a gente acabava fazendo o jornalzinho. Pegávamos livros de fábulas que ela tinha, líamos e misturávamos as histórias, os personagens e achávamos o máximo porque ficava tudo maluco.Mas sempre por brincadeira, nada obrigado”.*(Sujeito3, Anexo1)

#### **4.8 - Núcleo 8: A (des)continuidade da escola**

Assim como a família, a escola é um ambiente formador, que pode exercer um papel importantíssimo na trajetória de cada indivíduo que a frequenta. Através da experiência vivida na escola, adquirem-se saberes e práticas que irão nortear as ações dos indivíduos durante sua vida.

As práticas de leitura desenvolvidas na escola marcam a trajetória dos alunos e contribuem, tanto positivas como negativamente, para a concepção de leitura que cada um deles irá desenvolver.

Os relatos coletados que se remetem a situações envolvendo a escola ilustram dois cenários opostos, mas que com a mesma intensidade, participaram do processo de formação dos sujeitos enquanto leitores.

Há relatos em que a escola participou como um ambiente mediador propiciando experiências positivas ao sujeito, contribuindo para que a relação do mesmo com os livros se tornasse ainda mais profunda do que já era no ambiente familiar.

Em outras situações, a escola desenvolveu uma série de práticas que levaram o sujeito a desenvolver um sentimento negativo em relação ao momento da leitura, fazendo com que seus hábitos desenvolvidos no ambiente familiar se tornassem debilitados, ou se reservassem apenas aos espaços que não envolvessem a escola nem os materiais indicados/obrigados por ela.

Um dos aspectos importantes notados dentro deste subnúcleo é o fato de que todos os sujeitos resumem a escola a um espaço que possui um arquivo de material escrito ao qual estes podem ter acesso.

*“Nesta época (quando morou nos Estados Unidos) eu percebi que na biblioteca tinha muito livro que me interessava, e como ela estava sempre aberta, eu estava sempre lá”.* (Sujeito1, Anexo1)

Os sujeitos consideram a escola como um local onde podem buscar novas obras que desejam conhecer, pois têm um acesso facilitado a elas, apesar de dizerem que quase nunca fazem uso do material que a escola disponibiliza. Os sujeitos reconhecem a riqueza que a biblioteca da escola possui e a quantidade variada de títulos que ela oferece, mas não se sentem interessados ou motivados a fazer uso deste espaço.

*“Não costumo pegar livro em biblioteca. Acho que não pego livro em biblioteca desde a quinta série”.* (Sujeito3, Anexo1)

Para os sujeitos, a única vantagem que a escola pode oferecer em relação a práticas de leitura é facilitar o acesso ao material, uma vez que, quando se trata de uma leitura prazerosa e livre, os sujeitos não consideram a escola como um mediador que propicie tal situação. Os sujeitos não enxergam na escola um ambiente no qual a leitura também pode ocorrer de maneira livre e prazerosa, como ocorre na situação familiar. Opondo-se ao ambiente familiar, na opinião dos sujeitos, a escola configura-se como um espaço onde se faz uso da leitura de uma maneira que gera desprazer e incômodo, pois ela obriga todos a lerem. Além da obrigação da leitura, há também a imposição de um determinado livro, que nem sempre é do agrado de quem o tem que ler.

*“(...) Antes eu só lia o que a escola mandava e achava muito chato, e então eu lia obrigada e não tinha muita vontade de continuar lendo outras coisas”. (Sujeito3, Anexo1)*

Os sujeitos relatam que a leitura na escola acaba se resumindo a uma prática sem sentido, pois serve apenas como mais um instrumento de avaliação do desempenho dos mesmos. A leitura acaba perdendo seu caráter prazeroso e não cumpre com a função de trazer novas idéias e questionamentos, de divertir e exercitar a imaginação, mas se transforma em mais uma prática escolar na qual os alunos serão cobrados a cumprir e serão, posteriormente, avaliados.

*“Na escola você precisa ler um livro correndo, pra fazer prova. Depois de três dias você já não lembra de mais nada daquela história, você só decorou por um tempo e pronto. Realmente a leitura na escola acaba estragando o nosso prazer”. (Sujeito 4, Anexo1)*

O controle do momento da leitura é considerado pelos sujeitos como o fator mais negativo dentro das variadas práticas que a escola desenvolve. A partir do momento em que se sentem forçados a realizar a leitura, muitas vezes de um material pré-determinado que não lhes chama a atenção, que está escrito em uma linguagem de difícil compreensão e que será cobrado como conteúdo em uma prova, a leitura transforma-se em um momento tenso, de total desprazer, totalmente oposto às situações que os sujeitos vivenciam em casa.

O controle da leitura não é relatado somente dentro da sala de aula, mas também na biblioteca, através do rígido horário de funcionamento e da pouca liberdade concedida aos alunos para explorarem e manipularem o acervo que a escola possui.

O único aspecto que antes era considerado positivo dentro da escola - a facilidade de acesso ao material - agora torna-se também um ponto negativo, pois através da política de uso estabelecida pelos dirigentes da escola, este espaço de acesso torna-se rígido e constantemente monitorado, fazendo com que os alunos não se sintam à vontade, nem interessados em freqüentá-lo.

Quando a biblioteca não se encontra sob um controle excessivo, a situação oposta, de abandono, também é relatada por um dos sujeitos e, da mesma maneira, não atrai o interesse dos alunos. Ao não funcionar integralmente, não promover eventos e

projetos que envolvam a participação dos alunos, a biblioteca torna-se um espaço sem graça, que não motiva ninguém a utilizá-la, por não aparentar importância alguma.

*“(...) Aquela biblioteca é de dar inveja a qualquer biblioteca em outras escolas, (...) mas ficou ao abandono. E agora tá assim lá na escola: Horário de funcionamento da biblioteca: toda quarta-feira das 9 as 11 hrs. Aí fica uma monitora lá, que nem sabe o que tem que fazer. Então os caras vão, pegam o livro e não devolvem. (...)Aquele troço ficou a Deus dará”. (Sujeito2, Anexo1).*

Em apenas um dos relatos, o sujeito descreve uma situação em que o ambiente escolar contribuiu para que sua relação positiva com os livros se fortalecesse ainda mais. Através de um professor que desenvolveu uma mediação que valorizava a leitura e a escrita livre e prazerosa dentro de sala, o sujeito sentiu-se confiante o suficiente para mostrar-lhe as poesias que escrevia e, a partir daí, passou a receber um apoio do professor que o motivou ainda mais a continuar escrevendo e lendo novas obras. Através do incentivo desse professor o aluno escreveu um livro, o qual, tempos depois, foi publicado por uma editora e teve sua festa de lançamento dentro do próprio espaço escolar.

*“Eu tinha vergonha de ficar mostrando o que eu escrevia para os outros, mostrava de vez em quando para a professora pedia dicas, correções. Nisto, uma delas deu a idéia do livro e foi falar com a minha mãe, que também não sabia que eu andava escrevendo”. (Sujeito4, Anexo1)*

## **5. DISCUSSÃO**

O processo de interação com o “outro”, com os bens culturais e com a natureza é o meio pelo qual cada indivíduo se constitui enquanto sujeito social. Através da interação, o ser humano vivencia aprendizados que marcarão sua trajetória de vida, constituirão sua visão de mundo e determinarão, em grande parte, seu comportamento e suas dimensões psicológicas.

Ao entrar em contato com o mundo, e com as pessoas a sua volta, o indivíduo absorve valores, princípios, tradições e práticas que servirão como base para suas ações futuras. Neste sentido, entende-se que a qualidade das interações que o indivíduo vivencia ao longo de sua vida é fundamental, na medida que a complexidade de sua formação dependerá, basicamente, dos saberes absorvidos nessas interações.

Ao falar de leitura e da possibilidade de vivenciar uma trajetória de sucesso para que o indivíduo se constitua enquanto leitor, é imprescindível que sejam consideradas as situações de mediação que o tenham colocado em contato com os livros e os diversos materiais escritos.

Nesta pesquisa, através da documentação e análise das experiências ocorridas ao longo da trajetória dos sujeitos, foi possível observar quais aspectos da mediação, ocorrida no ambiente familiar, se mostraram determinantes para o estabelecimento de uma relação positiva entre o indivíduo e os livros.

O procedimento de coleta de dados utilizado possibilitou o resgate de quatro relatos diferentes, que dão ênfase à descrição de vivências na infância, e revelam diferentes experiências de leitura no ambiente familiar.

Apesar de distintas, as quatro histórias de vida coletadas confirmam que todo o processo de formação dos sujeitos enquanto leitores foi nortado por interações com o “outro”, as quais os colocaram em contato com a leitura e contribuíram para que passassem a compreendê-la enquanto um objeto cultural significativo.

Foram nessas interações com o “outro”, nas mediações realizadas por personagens próximos e íntimos ao sujeito como os pais, irmãos, avós, amigos e professores, que a leitura passou a fazer parte das atividades cotidianas e, mais ainda, foi através das vivências mediadas, que cada sujeito passou a considerar a leitura enquanto uma prática importante, atribuindo-lhe uma significação positivamente afetiva.

A mediação é considerada por VYGOTSKY como um aspecto fundamental para a constituição do ser humano. É através do contato com seu meio, conhecendo os objetos culturais ao seu redor e construindo saberes a partir da interação com esses, que o sujeito se constitui socialmente.

Segundo GALVÃO In: ARANTES e AQUINO, 2003 *“Sujeitos concretos e contextualizados, os alunos têm na escola e na família, entre outros ambientes concretos ou simbólicos com os quais interagem, meios nos quais se constituem”* (p.82)

O contato com o objeto não é direto, mas depende da mediação do “outro”, que apresenta e acompanha a experiência do sujeito com os bens culturais.

Neste sentido, a constituição do indivíduo é um processo não só de desenvolvimento interno – de funções biológicas – mas é, também, um processo cultural, que depende das interações com o “outro” e com o mundo que o rodeia. Para OLIVEIRA e REGO In: ARANTES e AQUINO, 2003:

*“(...) o sujeito postulado pela psicologia histórico-cultural é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos (constituídos na história anterior do sujeito) e externos (referentes às situações sociais de desenvolvimento em que o sujeito está envolvido. (...) é na interação dialética entre vários planos genéticos que se dá a constituição de cada sujeito singular”.* (p.19)

Sendo a leitura um bem cultural, entende-se que o contato com a mesma se dá através da interação social – os sujeitos participantes da pesquisa evidenciam este fato ao relatarem experiências nas quais a interação com os livros só se deu a partir da mediação do “outro” - um personagem que pretendia organizar experiências onde o sujeito e a leitura pudessem estabelecer uma íntima relação. Nos depoimentos de cada sujeito, entende-se que as experiências organizadas pela família apresentaram características agradáveis e, por isto, marcaram a leitura positivamente.

Nota-se que a trajetória de formação dos sujeitos enquanto leitores não foi apenas marcada pelo contato com os livros, mas também pelo pela qualidade da mediação do “outro”. As características afetivas percebidas pelos sujeitos foram determinantes à natureza positiva da relação que estabeleceram com a leitura.

Segundo WALLON, a dimensão afetiva tem papel fundamental na interação que o sujeito estabelece com o “outro”. Os conteúdos afetivos presentes na relação de

mediação são aspectos tão fortes quanto os conteúdos cognitivos, pois, da mesma maneira, marcam o objeto envolvido na experiência de mediação. “(...) *os fenômenos afetivos, portanto, revelam como cada acontecimento da nossa vida repercute no íntimo de cada sujeito*”. (LEITE e TASSONI, 2002, p.03)

Sendo o ato de ler uma prática que se desenvolve através da mediação, entende-se que a qualidade da mesma imprime à leitura uma significação afetiva elaborada pelo sujeito, que poderá vir a ser tanto positiva quanto negativa. Citando GROTA (2000):

*“O movimento do sujeito na busca de novas experiências de leitura, ou ainda, os motivos que o levam a ler e os significados que a leitura assume na vida do mesmo, possuem grande relação com as mediações que vivencia em seu ambiente cultural e social”*. (p.154)

Nos relatos dos quatro sujeitos há a descrição de sensações relacionadas aos momentos de leitura vivenciados, o que indica a presença da dimensão afetiva durante as mesmas. São relatados sentimentos de carinho, proximidade, aconchego, os quais, segundo a interpretação dos próprios sujeitos, foram aspectos que imprimiram uma conotação positiva às experiências e os motivaram a dar continuidade ao hábito da leitura. Isto pode ser observado no trecho abaixo:

*“Na verdade eram umas 3 historinhas que ele sempre contava e a gente pedia pra ele repetir umas 20 vezes. Ah, era gostoso, eu gostava bastante! isto faz você gostar de ouvir histórias e por eu gostar eu fui querer ler, aprender e conhecer novas histórias”*. (Sujeito3, Anexo1)

Em relação ao desenvolvimento da dimensão afetiva no ser humano, segundo as idéias de WALLON, nos primeiros anos de vida a afetividade se expressa basicamente através do toque físico entre o adulto e a criança, nos abraços, contatos, olhares, etc. A partir do momento em que a criança estabelece novas e mais complexas estratégias de comunicação, principalmente com o desenvolvimento da linguagem, a afetividade passa a se manifestar através de novas situações, como diálogos ou sentimentos de respeito e atenção.

A atividade de leitura de histórias para os sujeitos configurou-se como uma das situações onde as trocas afetivas entre os pais e os sujeitos se manifestavam. Tanto a

leitura de livros quanto a contação oral de histórias foram momentos marcantes nas trajetórias de vida dos quatro sujeitos.

Sobre a contação, (ABRAMOVICH, 1997) aponta: *“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor (...).”*(p.16)

Geralmente, as contações de história de davam à noite, no horário em que os sujeitos se deitavam para dormir. Reuniam-se, num mesmo espaço, pais, irmãos, e os sujeitos para compartilharem uma mesma situação. Devido à atmosfera envolvente, à troca de olhares, carinhos e diálogos gerados, o momento da contação de histórias marcou profundamente a relação entre os sujeitos e o livro. Por ser uma situação prazerosa para o sujeito, essa, certamente, imprimiu sentimentos positivos aos livros e a prática da leitura.

MOJICA (2004), apresenta a fala da Psicóloga Maria Martha, alertando para que *“os pais adquiram o hábito de ler para os filhos antes de dormirem. É um momento afetivamente muito agradável, quando o pai está próximo e a criança começa a aprender que o livro é um aliado”*. (p.14)

No relato dos sujeitos 2 e 3, nota-se que, ao descreverem tais situações de leitura, não conseguem lembrar do conteúdo das histórias lidas, nem mesmo de seus títulos. No entanto, a descrição do momento – o local, as pessoas envolvidas, as disposição dos corpos, o tom de voz usado – é muito clara. Ao não lembrarem do conteúdo do material lido, mas descreverem com detalhes a cena de leitura, os sujeitos apontam que a interação com o “outro” e as trocas afetivas vividas na situação foram mais determinantes para sua formação enquanto leitor, uma vez que são esses os aspectos que os sujeitos retiveram com mais clareza em suas memórias.

Ao discutir a contação de histórias, MORAIS (1996) aponta:

*“No nível afetivo também, a criança descobre o universo da leitura pela voz, plena de entonação e de significação, daqueles em quem ela tem mais confiança e com quem se identifica. Para dar o gosto das palavras, o gosto do conhecimento, essa é a grande porta. (...) Ao ler para a criança, não nos tornemos seu instrutor, quer sejamos pai ou professor. Nada melhor do que ter como meta seu prazer”*. (p.172-173).

O sujeito 2 relata uma experiência capaz de ilustrar claramente como a dimensão afetiva das experiências de leitura marcaram sua relação com a leitura. Ao descrever a rotina de leitura que seus pais organizavam diariamente (Anexo1, Núcleo3, Sujeito2), o sujeito declara que a maior importância desse momento era ver sua família reunida, realizando algo em comum, algo que compartilhavam – a leitura. O sujeito relata que o prazer pela leitura acontecia por estar relacionado a uma situação que reunia pessoas queridas e que, assim que seus pais interrompiam suas leituras e deixavam a sala, a leitura já não parecia tão interessante.

*“O legal era ter todo mundo junto ali, tanto é que quando eles saíam da sala a gente parava de ler. Não era divertido ficar ali lendo sem ter alguém por perto. Quando estava todo mundo junto você sentia um clima gostoso, uma afetividade... Isso era mais importante do que o livro ou da história que eu estava lendo”.* (Sujeito 2, Anexo1).

A partir desse relato, observa-se a importância da mediação que, neste caso, não necessitou ser direta – os pais interagindo com o sujeito – pois, os mediadores apenas compartilhavam o espaço físico e a prática da leitura (individual). A organização de uma experiência confortável e prazerosa ao sujeito foi suficiente para marcar positivamente a relação do mesmo com o objeto cultura.

Há outras situações de leitura, comentadas a seguir, na quais a mediação também não foi direta, isto é, não houve uma troca intencional entre o mediador e o sujeito, mas ainda sim, foram situações envolvendo a leitura e conteúdos afetivos, que contribuíram na formação do sujeito enquanto leitor.

Como argumenta GROTA (2000):

*“A afetividade pode variar em termos de intensidade e qualidade numa interação, mas nunca é nula, seja qual for o tipo de atividade. Neste sentido, a internalização da cultura e de seus instrumentos (...) estão sempre permeadas de um vínculo afetivo”.* (p.161)

Nas mais diferentes situações de leitura é possível identificar marcas afetivas a partir das observações das significações feitas pelos sujeitos em relação às experiências vivenciadas.

Mesmo em situações onde a mediação não é intencional, a presença do mediador associada ao objeto cultural é suficiente para que o sujeito elabore determinadas interpretações acerca do objeto em questão, no caso, a leitura.

O fato de o mediador ser um personagem com significado afetivo positivo, que mantém uma relação próxima e intensa com o sujeito, já é uma condição motivadora positiva, pois as práticas desse mediador serão “bem-vindas”, uma vez que o sujeito o admira e em certos momentos o imita. Segundo LAJOLO (2003):

*“(...) encontraremos na vida de cada leitor, quando criança, um adulto afetivamente próximo a ele que era emocional e intelectualmente ligado aos livros. Foi provavelmente essa pessoa que iniciou o jovem no mundo da leitura”. (p.14)*

Na presente pesquisa, os personagens mediadores mais citados, nos quatro relatos, foram os pais – pessoas de extrema importância na vida dos sujeitos, principalmente no período enfocado: a infância.

A opinião e as atitudes dos pais eram interpretadas como modelos incentivadores aos sujeitos, os quais estavam sempre observando suas práticas de leitura. Houve o relato de situações em que, mesmo não planejando intervir na relação dos sujeitos com os livros, os pais atuaram enquanto eficientes mediadores.

Estudos enfocando o processo de imitação, como MOWRER (1950) e BENDURA e WALTERS (1963), apontam que o fato da criança observar as ações do adulto e reproduzi-las é um aspecto importante de seu processo de formação. Mesmo sem interagir diretamente com o adulto, o simples fato de observá-lo e imitar seus atos é um movimento que elabora novos valores e determina novas formas de comportamento na criança. No mesmo sentido, para CAMPOS (1983):

*“(...) a imitação, por ter início nos primeiros anos da infância, por persistir durante os anos de formação, torna-se um dos fatores mais poderosos do processo de socialização”. (p.24)*

Nos trechos reunidos no núcleo 5, subnúcleo D (Anexo1), é possível notar tais situações. Os sujeitos apontam o fato de seus pais serem bons leitores, estarem sempre adquirindo livros e realizando leituras no ambiente familiar. Tais práticas configuraram

os pais enquanto modelos incentivadores, uma vez que transmitiam, mesmo indiretamente, a importância e o prazer que sentiam pela leitura.

Ao observarem os pais lendo entretidos, os sujeitos passaram a perceber a leitura enquanto uma prática interessante – se seus pais a entendiam de tal forma, ela deveria ser, realmente, significativa. Sobre isto, RÓNAI (2003) esclarece:

*“Os maiores inimigos da leitura não são a televisão, os games ou a Internet, mas aqueles professores que usam a literatura como instrumento de tortura em classe e aqueles pais que não dão exemplo em casa”.* (p.166)

O fato de observarem o vínculo positivo que os pais mantinham com a leitura não só motivou os sujeitos a buscarem os livros mas a lê-los com prazer, uma vez que viam esse sentimento presente nas práticas dos pais. A leitura já não era apenas um hábito necessário, mas um momento associado a boas sensações, marcado de forma afetivamente positiva.

*“Eles [os pais] me mostraram que a leitura é um bom hábito e não algo que só deve ser feito quando absolutamente necessário. Eles me ensinaram a gostar de ler”.* (Sujeito1, Anexo1).

Nos relatos de cada sujeito, pediu-se que descrevessem a formação de seus pais e a área de trabalho na qual cada um estava empregado atualmente. Essa descrição demonstrou que todos os pais possuíam formação acadêmica, sendo alguns mestres e doutores. Tal fato aponta que os próprios pais viveram um processo de formação envolvendo um contanto intenso com a leitura, o que, certamente, possibilitou a tomada de consciência sobre a importância da mesma. Assim, os pais se preocuparam em organizar experiências de leitura aos sujeitos, que pudessem trazer os mesmos benefícios – crescimento intelectual, novos saberes, consciência crítica – que vivenciaram durante a sua trajetória de formação.

É importante ressaltar que a relação entre os sujeitos e os pais é sempre caracterizada de forma positiva nos relatos, o que sugere que a influência sobre os filhos certamente era profunda, com fortes vínculos afetivos.

CAMPOS (1983) comenta que “*vários estudos sobre imitação destacaram o relacionamento modelo-observador como variável importante na aquisição de comportamentos sociais*”. (p.24)

Portanto, ao incentivarem a leitura direta (através da leitura conjunta, do fornecimento de material), ou indiretamente (realizando leituras pessoais frente aos sujeitos), os pais conseguiam atingir e motivar os sujeitos, pois eram pessoas as quais os sujeitos respeitavam e admiravam.

Além de atuarem como modelos inspiradores para os sujeitos, os pais aparecem em uma série de outras situações relatadas, as quais, da mesma maneira, imprimiram marcas à formação dos filhos enquanto leitores.

Uma das situações é o costume que os pais tinham de trazer novos livros aos sujeitos. Esses momentos são relatados pelos quatro sujeitos, o que evidencia o fato de que a presença do livro no ambiente familiar era constante, facilitando o acesso e a relação com o mesmo.

Os livros trazidos foram caracterizados como materiais atraentes, eram coloridos, cheios de imagens e contavam histórias divertidas, que exercitavam a imaginação. Sobre as características do material escrito, MOJICA (2004), entrevista a educadora Adriana Fóz Veloso, a qual relata que “*É preciso oferecer algo que esteja de acordo com o interesse e condição cognitiva dela [criança]*”.(p.14).

A qualidade do material e a adequação à faixa etária e à condição intelectual dos sujeitos foram aspectos que contribuíram para que o livro se apresentasse enquanto um objeto interessante.

Além do fato de estarem sempre recebendo novos livros, os sujeitos destacam a forma com que os pais apresentavam os mesmos. Convidavam os sujeitos para explorar o material, sentavam juntos para comentar as imagens e ler as histórias.

*“No começo a gente sempre lia junto com os meus pais, porque tínhamos que ficar perguntando as palavras. (...) A gente sentava junto e eles iam explicando as palavras e as histórias dos livros e geralmente à noite eles pediam pra gente ler (as palavras mais fáceis)”. (Sujeito3, Anexo1)*

Neste sentido, pode-se sugerir que o aspecto que mais marcou a relação dos sujeitos com os livros foi a *qualidade* da mediação realizada pelos pais, no ambiente familiar, ou seja, a maneira como esses estabeleciam a ligação entre o sujeito e a leitura.

Ao compartilharem a exploração e a leitura do material escrito, os pais demonstravam interesse por aquele momento, atribuindo valor ao livro.

A mediação dos pais associou uma série de qualidades afetivas positivas aos livros, as quais foram internalizadas pelos sujeitos, transformando a relação desses com a leitura.

Fornecer livros aos sujeitos e compartilhar com eles a leitura dos mesmos foram estratégias que obtiveram sucesso. No entanto, além de trazer livros e apresentá-los de maneira agradável, os sujeitos afirmam que os pais tinham uma forma de organizar e armazenar esse material, que tornou o mesmo ainda mais especial. Selecionava-se um espaço na casa onde todos os livros eram guardados. Em nenhum dos relatos há a caracterização de uma biblioteca familiar: eram apenas algumas estantes ou armários reservados aos livros. No entanto, a presença de um espaço dedicado aos livros foi suficiente para garantir extremo valor aos mesmos.

Em dois relatos – sujeitos 3 e 4 – observa-se que havia uma divisória no espaço para que os livros infantis tivessem um local próprio e não se misturassem ao restante do acervo da família. Geralmente os livros infantis localizavam-se em prateleiras mais baixas, o que facilitava a manipulação dos mesmos pelos sujeitos, sem que dependessem de um adulto.

A existência de um espaço físico dedicado aos livros parece ter despertado o sentimento de que o material guardado ali era de grande importância. Além disso, a liberdade para manipular os livros a qualquer momento, e organizá-los da maneira que o sujeito desejasse foram fatores incentivadores; estar rodeado por seus livros, guardá-los num local especial e ter liberdade em manipulá-los foram constituindo-se aspectos que marcaram a leitura enquanto um momento prazeroso, associados a sentimentos de diversão, lazer e liberdade.

*“[A leitura] acontecia mais quando eu não tinha o que fazer. Geralmente nestas horas a gente vai ver televisão, né? Mas eu não... eu ficava folheando, lendo e quando percebia já tinha passado um tempão que eu estava ali!”.* (Sujeito 4, Anexo1).

O fato de a leitura acontecer livremente, isto é, depender unicamente da disposição do sujeito, é um aspecto marcante relatado nas entrevistas. Os sujeitos

afirmam que o caráter não obrigatório da leitura realizada em casa foi uma característica fundamental para o sucesso da relação com os livros.

MOJICA (2004), ao discutir hábitos de leitura, cita Maria Martha que aponta:

*“A leitura deve se tornar um costume. Ela se instala por meio de situações prazerosas. A pessoa não consegue criar um hábito de uma coisa que ela detesta, a não ser que seja extremamente disciplinada e tenha todas as situações favoráveis”.* (p.14)

Neste sentido, a natureza livre da leitura experienciada pelos sujeitos no ambiente familiar contribuiu para que os mesmos elaborassem a idéia da leitura enquanto uma prática prazerosa, que acontecia a partir do interesse e iniciativa do próprio sujeito, configurando-se enquanto uma escolha pessoal que tinha a função de entreter, em momentos de lazer.

Nos depoimentos dos sujeitos 1 e 3, esta questão aparece claramente quando relatam que, tanto durante a leitura individual quanto durante a leitura com os pais, não houve uma condição obrigatória que os fizessem ler. Os sujeitos liam por iniciativa própria, curiosidade, interesse pelo tema, vontade de estar perto dos pais, mas nunca a partir de uma norma que estabelecesse a leitura enquanto uma prática necessária.

Portanto, mesmo sem a imposição de uma condição de leitura, os pais conseguiram organizar experiências que possibilitaram a formação desse hábito. Através de leituras conjuntas, disponibilidade de material interessante e apresentação agradável do mesmo, os sujeitos firmaram o costume da leitura sem que fossem obrigados a fazê-lo, mas motivados pelo prazer que a situação gerava.

*“Eu acho que o costume da leitura livre dentro de casa me mostrou que ler um livro ou um gibi podia ser tão interessante ou divertido quando assistir televisão, ou qualquer outra atividade”.* (Sujeito1, Anexo1)

Além dos pais, surgiram outros mediadores nos relatos, os quais, assim como os pais, contribuíram positivamente para a formação dos sujeitos enquanto leitores.

Um desses mediadores, presentes nas falas dos sujeitos 3 e 4, foram os avós. Ao discutir a influência dos avós na família, FLORES (1994) aponta:

*“As suas influências não se exercem exclusivamente quando vivem com a família já que, mesmo não sendo assim, ou tendo inclusivamente já falecido, são transmissores de uma série importantíssima de valores e inclusivamente de atitudes perante a vida”.*(p.59)

Assim como os pais, os avós dos sujeitos organizaram experiências capazes de imprimir conteúdos afetivos positivos à leitura.

O sujeito 3 relata vivências envolvendo as duas avós: uma, contadora de histórias orais e a outra, dona de um livro tradicional na família. Na primeira situação, o sujeito descreve momentos em que a avó, no meio da noite, reunia os netos em sua cama para distribuir doces (proibidos pelos pais) e contar histórias da época de sua juventude. A esta situação, o sujeito associa sentimentos como prazer, diversão e carinho.

Tal situação marcou o relato de histórias como um momento significativo, que envolvia o prazer pelo conteúdo da história e trocas afetivas intensas entre os que compartilhavam a situação de contação.

Na segunda situação, a avó possuía um livro que era o eixo central de um ritual familiar – todas as gerações de filhos e netos já haviam lido aquele livro quando crianças e, todos os anos, na época do Natal, a família se reunia na casa da avó para tomar sopa e ouvi-la contar a história do livro.

O livro da avó, que havia passado pelas mãos de todos os integrantes da família, possuía um valor inestimável, pois representava uma tradição que fazia parte da história daquela família. Naquele ambiente (família), a leitura configurou-se enquanto uma prática significativa que envolvia a todos - e carregava um valor afetivo positivo.

A situação imprimiu boas lembranças na trajetória de constituição do sujeito 3 enquanto leitor, pois, ao lembrar desses momentos, descreve sentimentos de união, carinho, atenção. O fato de envolver pessoas queridas, que partilhavam o momento da contação, tornou a situação carregada de conteúdos afetivos, que, posteriormente, se associaram à representação de leitura, elaborada pelo sujeito.

Em relação ao sujeito 4, o papel da avó é de uma contadora de histórias orais. A imagem que o sujeito descreve é uma avó dócil, de fala suave e olhar meigo. Com esse perfil, a avó se aproximava do sujeito e, através de suas histórias, transmitia carinho, transformando a leitura em uma situação que envolvia intensas trocas afetivas.

Em sua pesquisa, na qual buscou descrever e analisar o processo de constituição do leitor de quatro sujeitos, GROTA (2000) aponta:

*“(...) a afetividade expressada por leitores (avós, pais, tios, empregada, diretor...) aos sujeitos, através das leituras que realizavam, das histórias que contavam ou mesmo pelos livros que lhes deram de presente, foram conferindo um sentido afetivo à própria prática de ler e ao livro como objeto de leitura e cultura” (p.159).*

Neste sentido, a relação afetiva entre o sujeito e a avó, além da demonstração de carinho através da contação de histórias, imprimiu um sentido afetivo positivo ao momento de leitura, absorvido pelo sujeito, contribuindo para que sua relação com os livros se tornasse cada vez mais agradável.

Encontra-se, também, nos relatos, outros personagens/situações que contribuíram para o estabelecimento do vínculo entre o sujeito e a leitura. Ao discutir os dados de sua pesquisa, GROTA (2000) aponta que:

*“ao longo da história de vida dos sujeitos, é possível identificar várias pessoas que, por serem valorizadas socialmente, terem um vasto conhecimento e serem ávidos leitores, foram admirados e imitados pelos sujeitos”.(p.175).*

O irmão mais velho é um desses personagens citados, aparecendo como mediador nos relatos dos sujeitos 1 e 4. Ao observar o irmão lendo, o sujeito 4 relata que sentia curiosidade para descobrir qual era o tema, a história que entretia o irmão e, por isso, sentia-se motivado para imitar os hábitos de leitura do mesmo.

A relação entre o sujeito e o irmão citado é caracterizada como íntima e muito próxima – os dois sempre dividiram o mesmo quarto, mantinham diálogos e discussões constantes, trocavam confidências, saíam juntos e tinham amigos em comum. O irmão configurava-se, para o sujeito, como um ídolo, um modelo a ser admirado. Portanto, seus costumes, atitudes e práticas, inclusive as de leitura, eram sempre observadas pelo sujeito e significadas como um comportamento a ser respeitado e imitado. Para FLORES (1994), *“é evidente que as relações entre irmãos exercem uma notável influência na criança e estendem-se aos recantos da sua personalidade. (p.71).*

No presente caso, o irmão do sujeito era um ávido leitor e escritor (possuindo livros publicados). Observando as práticas do irmão, o sujeito confessa que enxergou na leitura, uma forma de se tornar tão culto e bem sucedido quanto o irmão. Assim, começou a buscar livros parecidos com os do irmão e sentiu-se motivado e seguro para continuar a escrever seus próprios poemas. A leitura, então, adquiriu significado para o leitor – era através dela que ele se tornaria mais maduro e mais próximo à condição intelectual do irmão.

Em relação ao sujeito 1, este relata que, ao observar o irmão mais velho ler obras de ficção científica, motivou-se para buscar leituras do mesmo gênero e, quando as realizou, sentiu-se muito interessado a ponto de intensificar cada vez mais seus hábitos de leitura. Portanto, foi através da mediação do irmão - indicações de leitura, discussões sobre os livros lidos, demonstração de prazer pela leitura – que o sujeito 1 passou a olhar para a leitura como uma atividade interessante, afetivamente positiva.

Mais uma vez, nota-se o papel da imitação – o sujeito, vendo no irmão um ídolo, decide imitar as suas práticas. Através da imitação, o sujeito voltou-se aos livros com um novo “olhar”, imbuído de sentimentos positivos que o possibilitaram desenvolver o hábito da leitura.

Da mesma maneira, a música, (citada pelos sujeitos 3 e 4), a escrita, (citada pelos sujeitos 3 e 4), o ex-namorado e as amigas, (citados pelo sujeito 3), foram mediadores que contribuíram durante o processo de constituição dos sujeitos enquanto leitores.

Em todas as situações citadas acima, os sujeitos caracterizam positivamente as situações de leitura, como por exemplo, a leitura enquanto fonte de idéias para a escrita, a leitura como fonte de temas para novas músicas, indicações de livros interessantes feitas pelo ex-namorado ou momentos de diversão envolvendo as amigas em torno de um livro em comum.

Essas características imprimiram significações afetivamente positivas às situações de leitura, tornando-a cada vez mais interessante e prazerosa para os sujeitos. Deve-se ressaltar que esses mediadores citados, já se constituíam como afetivamente positivos para os sujeitos.

Ainda com relação a personagens e ambientes mediadores citados pelos sujeitos, encontra-se a escola. Na fala de todos eles, identificam-se momentos e situações em que a escola configurou-se como uma situação de mediação que, no entanto, não obteve sucesso ao tentar estabelecer vínculos positivos entre os sujeitos e a leitura. Pelo

contrário, as práticas escolares envolvendo a leitura imprimiram marcas negativas à trajetória de formação dos sujeitos enquanto leitores.

Os sujeitos 2, 3 e 4 apontam alguns elementos determinantes do fracasso das práticas escolares: *a seleção de materiais desinteressantes, a natureza aversiva da avaliação das leituras cobradas e o não uso da biblioteca enquanto espaço motivador da leitura.*

As práticas escolares, citadas nos relatos, são reveladoras e reprodutoras de uma concepção de leitura tradicional, fruto de um movimento histórico e da ideologia política em vigor na sociedade brasileira: a ausência de uma política promovendo o incentivo da leitura contribui para a manutenção da ordem social vigente e o controle das consciências.

Segundo as idéias de Paulo Freire (1976) e (1982), através do contato com o texto, o indivíduo experiencia uma transformação da consciência, isto é, ele passa de um estágio primário, considerado *ingênuo* - uma visão de mundo passiva, sem esperança e vontade de transformação – a um estágio superior, *crítico*, no qual torna-se consciente dos aspectos de sua realidade e se compromete com os problemas aí identificados, contribuindo ativamente à melhoria da organização social.

O contato com o conhecimento, e principalmente com a leitura, possibilita a apreensão de uma série de novos saberes que reestruturam a consciência do indivíduo – ao conhecer novos olhares e idéias referentes ao ambiente em que vive, este desperta um novo posicionamento frente a realidade, mais complexo. Neste sentido, a leitura apresenta um caráter libertário, transformador, pois através dessa é possível desenvolver o senso crítico e atuar de maneira revolucionária na sociedade em que se vive.

Ao discutir o modelo de leitura empregado na escola e a situação da mesma no meio social, SILVA (1986) aponta que:

*“a tão-propalada ‘crise da leitura’ (...) vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro”*(p.12).

O ambiente escolar, enquanto um espaço de formação de indivíduos integrantes do meio social, se configura como uma poderosa ferramenta nas mãos da política, uma

vez que, através dos saberes, valores e ideologias transmitidas pela escola, é possível o controle/manipulação das consciências que a frequentam.

Através da determinação e controle das práticas escolares, garante-se a manutenção de uma determinada ordem social, estruturada pelas parcelas que detém o poder. Os indivíduos são forçados, inconscientemente, a reproduzir as práticas e ideologias sociais determinadas pelo poder, sem que vivam um processo de questionamento das mesmas, de discussão e crítica frente a realidade que vivem. Controla-se a disseminação da informação, para que o corpo social não disponha de ferramentas de transformação; através de manobras políticas que não incentivam, ideológica ou financeiramente o acesso ao conhecimento, a concepção de leitura transforma-se: deixa de ser uma prática libertária e enriquecedora, e resume-se em um ato sem sentido e mecânico. Segundo SILVA (1986):

*“Dentro desse esquema, a própria definição de leitura sofre distorções agudas, sendo confundida com processos de alfabetização e comunicação, decodificação de sinais gráficos, tradução de símbolos escritos em símbolos orais, aprendizagem de normas gramaticais, identificação de estilemas literários, confecção de fichas padronizadas de compreensão, etc...”.* (p.16).

Desta forma, o poder garante-se a organização do sistema social mais conveniente a manutenção de suas premissas e impede a libertação da massa, sendo esta última possível, a partir da tomada de consciência propiciada pela leitura crítica.

Nos relatos dos sujeitos, nota-se que algumas características do sistema político autoritário e controlador realmente se fazem presentes dentro da escola, através das práticas de leitura. A seleção do material escrito é um deles. Segundo o relato do sujeito 3 (Anexo1), a escola organiza um processo de pré-seleção dos livros, sem qualquer participação dos alunos, que deverão ser obrigatoriamente lidos. As obras selecionadas afastam-se tanto da linguagem e realidade dos alunos que acabam tornando-se textos distantes, sem sentido e totalmente desmotivadores.

Ao discutir a questão da seleção do material escrito na escola, SILVA (1986) discute:

*“Quando o objetivo do professor for o de facilitar o desenvolvimento do gosto pela leitura, o mais conveniente, me parece é construir um acervo de obras interessantes e, dentro de uma atmosfera não-*

*autoritária, dar a chance para que os alunos leiam aqueles livros com que melhor se identifiquem. Melhor até que a formação desse acervo seja feita conjuntamente, com a participação concreta dos alunos”.* (p.32).

Percebe-se que o objetivo das práticas apontadas pelos sujeitos não é o desenvolvimento pelo gosto da leitura, mas a cobrança de leituras que sejam consideradas clássicas, de prestígio social. Sobre esta questão, SILVA (1986b) aponta: *“estas obras estavam (e ainda estão!) sendo lidas num período em que todos pudemos assistir a uma verdadeira explosão da ficção destinada ao público infanto-juvenil no Brasil”.* (p.50).

Em seguida, a autora elenca duas razões para que a escola continue a restringir-se às obras clássicas:

a) *“(…) Os professores selecionam para os alunos livros ou autores de seu conhecimento e leitura”* (p.50).

Os professores, impedidos de realizarem novas leituras, devido ao ritmo acelerado de trabalho ou à falta de incentivo, selecionam autores com os quais já tiveram contato e sentem-se seguros em trabalhar com seus alunos.

b) *“Cuidando da adequação [da faixa etária, do assunto, da estrutura da linguagem, os professores] acreditam poder seriar, graduar problemas, realidades, fantasias e a leitura dos alunos, tudo do mais simples para o mais complexo”.* (p.51).

Ao selecionar obras baseadas nos critérios citados acima, os professores fragmentam a leitura em níveis, em graus isolados, tornando-a um processo linear, que depende da superação de determinados estágios para que se avance a outros mais complexos. Elimina-se a possibilidade dos alunos serem capazes de realizar leituras diferenciadas em um mesmo nível escolar, e elimina-se a diversidade de temas e discussões que a escolha livre de obras pode trazer.

Além da seleção e imposição do material, nota-se, na fala do sujeito 4, a questão da avaliação. A escola preocupa-se em cobrar as leituras através de provas tradicionais, transformando os textos lidos em conteúdos a serem memorizados e reproduzidos. Segundo o sujeito, não há nenhum tipo de discussão em relação ao tema ou às idéias trazidas pelo livro. Neste sentido, SILVA (1986) completa que:

*“Sabemos que o significado atribuído a um texto depende da história e portanto, das experiências do leitor; porém, principalmente dentro do aparelho escolar, os significados são pré-estabelecidos ou pré-instituídos de modo que ocorra a homogeneização e o enquadramento de consciências”.*( p.15)

Na escola, através de práticas tradicionais, a leitura assume apenas a função de transmitir determinadas informações ao aluno, as quais, sem passarem por uma prática de reflexão, devem ser reproduzidas fielmente durante as provas, garantindo, assim, a homogeneização e manipulação das consciências dos alunos.

*“Na escola você precisa ler um livro correndo, pra fazer prova. Depois de três dias você já não lembra de mais nada daquela história, você só decorou por um tempo e pronto. Realmente a leitura na escola acaba estragando o nosso prazer”.* (Sujeito 4, Anexo1).

Sendo os sujeitos, alunos do ensino médio, a escola apresentou práticas ainda mais limitadas ao assumir a responsabilidade de preparar seus alunos para o vestibular – a escola deve atender à lista de obras cobradas nas provas, dificultando ainda mais que as práticas da leitura tornem-se prazerosas para o aluno. Transformou-se a leitura em um exercício desgastante, repetitivo, de memorização das informações, as quais, certamente, não farão sentido algum ao aluno – serão apenas conteúdos, como os de qualquer outra matéria, cobrados durante um processo de seleção.

Durante esse processo, a leitura assume um caráter negativo, configura-se enquanto um momento forçado, que não gera prazer e não apresenta qualquer aspecto motivador. A leitura na escola, principalmente no ensino médio, acaba tornando-se uma prática aversiva, por não estar associada a momentos agradáveis ou despertar sentimentos positivos.

Os sujeitos chegam a contrastar o caráter da leitura vivenciada em casa e na escola. Apontam que enquanto em um ambiente – o familiar – é possível desenvolver uma prática afetivamente positiva, no outro – a escola – a mesma prática assume natureza oposta, desmotivando e desinteressando qualquer indivíduo a realizar leituras.

Ainda em relação a avaliação, destaca-se, nos depoimentos, o fato de imprimir-se à leitura um caráter obrigatório. Os alunos são forçados a lerem materiais desinteressantes, dentro de um espaço de tempo pré-determinado e obrigados a demonstrarem o quanto puderam reter de informação através das práticas avaliativas. Para MOJICA (2004):

*“(...) ler é uma atividade que necessita ser desenvolvida, incentivada e inserida aos poucos na vida dos pequenos, mesmo quando ainda não são alfabetizados. Mas nada de tornar o hábito obrigatório. A leitura deve ser apresentada como uma ação lúdica e de diversão, primeiro passo para ser prazerosa”.* (p.13)

A prática da leitura no ambiente escolar torna-se um exercício desgastante, que não envolve o prazer, o diálogo, a reflexão. Assim, nota-se que tais vivências na escola pouco contribuíram para que os sujeitos estabelecessem significações positivas em relação à leitura.

Um último aspecto relacionado às práticas escolares que se revela nos relatos dos sujeitos e que contribui negativamente para o desenvolvimento do prazer pela leitura, foi o não uso/uso rigidamente controlado da biblioteca.

O sujeito 2 descreve as normas de funcionamento da biblioteca em sua escola, as quais, por serem precárias, não geram qualquer incentivo para que os alunos a freqüentem.

Na fala do sujeito 3, aparece a confirmação de que o hábito de tirar livros na biblioteca é quase inexistente, ou seja, mesmo sendo um bom leitor, o sujeito não vê na biblioteca um ambiente motivador para a realização de novas leituras ou para o contato com novos gêneros de livros.

Em relação à organização das bibliotecas, SILVA (1986b) discute:

*“As bibliotecas escolares tradicionalmente são das bibliotecárias. Isto significa que elas têm a posse dos livros além do poder sobre o espaço-biblioteca, ganhando com isso direito de usa-los se quiserem, quando e como quiserem. (...) As bibliotecárias, donas do espaço e donas dos livros, querem aquele bem limpo e silencioso, e estes, protegidos dos leitores, arrumados nas estantes”.* (p.18/19).

Organizando a biblioteca a partir de normas rígidas e controladoras, impede-se que os alunos tenham liberdade nesse espaço, para que possam buscar livros, manipulá-los, discuti-los. Aos poucos, os estudantes passam a caracterizar a biblioteca como um espaço distante, sem qualquer ligação com práticas ou momentos prazerosos. Assim, acabam se afastando do espaço e buscando, através de outros recursos, livros e locais que sejam relacionados a situações e sentimentos positivos

Sobre a questão das bibliotecas, SILVA (1986) ainda aponta:

*“(...) constatamos a presença de metodologias que, ao invés de propiciar o prazer e o gosto pela leitura, vão paulatinamente aniquilando o potencial da leitura dos alunos. As bibliotecas, em que pesem alguns esforços isolados, parecem estar fechadas em si mesmas, não tendo encontrado caminhos objetivos que enriqueçam, popularizem e socializem as obras dos seus acervos”.* (p.28)

Na fala do sujeito 1, a vivência em relação à biblioteca é oposta àquela acima descrita: o sujeito teve a oportunidade de frequentar um espaço organizado para atrair os estudantes *“(...) na biblioteca tinha muito livro que me interessava, e como ela estava sempre aberta, eu estava sempre lá”.* (Sujeito1, Anexo1)

Neste caso, a biblioteca contribuiu para que o sujeito desse continuidade às práticas de leitura experienciadas no ambiente familiar e, da mesma forma que os pais, atuou enquanto um ambiente de mediação que obteve sucesso no estabelecimento de vínculos positivos na relação entre o sujeito e os livros.

Observa-se que, da mesma forma que a biblioteca configurou-se enquanto um ambiente aversivo na trajetória de alguns sujeitos atuou também, como um espaço enriquecedor das práticas de leitura, revelando assim, sua capacidade em proporcionar benefícios à formação dos alunos enquanto leitores.

No entanto, é preciso ressaltar que a experiência descrita acima foi vivida no exterior, no período em que o sujeito se mudou para os Estados Unidos devido à transferência do emprego do pai. O fato aponta a questão: a única experiência positiva desta pesquisa, no espaço escolar, foi vivenciada fora do país. Questiona-se, então, as práticas escolares vigentes no Brasil, as quais, segundo as experiências relatadas pelos sujeitos da pesquisa, não contribuem para que se estabeleçam vínculos positivos entre o aluno e a leitura.

Cabe à escola atentar para tal fato e refletir sobre a estrutura e funcionamento de sua biblioteca. Se o objetivo principal é contribuir para o desenvolvimento de práticas prazerosas de leitura, a organização da biblioteca deve proporcionar, a seus freqüentadores, experiências que marquem positivamente a situação de leitura.

Encontram-se, nos relatos, outros aspectos referentes ao processo de formação do sujeito enquanto leitor, no entanto, por serem muito específicos, pertencerem a uma história particular de um único sujeito, não foram discutidos neste capítulo.

Vale ressaltar que, mesmo sendo específicos, tais aspectos foram tão importantes quanto quaisquer outros citados, pois, da mesma forma, contribuíram para que aquele sujeito entrasse em contato com o universo da leitura e estabelecesse vínculos positivos com a mesma. Um exemplo dessa singularidade encontrada na história de cada sujeito é o local reservado à leitura do sujeito 2; ele descreve que, quando criança, costumava subir no muro de sua casa e alcançava um pequeno vão entre o muro e o telhado onde gostava de realizar suas leituras. O sujeito relata que costumava ficar lendo neste local por várias horas, observava o sol se pôr e, algumas vezes, chegara até mesmo a dormir ali durante a tarde.

Mesmo não sendo um aspecto comum à fala dos quatro sujeitos, observa-se que essa experiência vivenciada pelo sujeito 2 contribuiu positivamente para sua constituição como leitor, uma vez que, ao se configurar enquanto um momento particular, agradável e relacionado à leitura, imprimiu à essa, sentimentos positivos, marcando afetivamente a prática da leitura.

## **5.1 CONCLUSÃO**

Entende-se que a constituição dos sujeitos desta pesquisa enquanto leitores se deu através de interações sociais em diferentes ambientes, como a família, a escola, a turma de amigos, etc. No ambiente familiar, através do contato com os pais, irmãos, avós, e objetos culturais, o indivíduo iniciou seu contato com o mundo, com as informações e as práticas necessárias para que este fosse capaz de agir de forma ativa no ambiente social.

Por serem os personagens que mantinham uma relação extremamente íntima com os sujeitos, os pais revelaram uma capacidade intensa de influência em relação às crianças. As experiências organizadas por eles pareceram marcar de forma consistente a trajetória de formação dos sujeitos.

Em relação à leitura, a família se demonstrou extremamente importante, pois foi responsável por organizar e mediar as primeiras situações de leitura vividas pelos sujeitos. As práticas de leitura vivenciadas no ambiente familiar, não só aproximaram o sujeito do material escrito, como também imprimiram marcas afetivas, que contribuíram para que os sujeitos desenvolvessem uma relação de sucesso com a leitura.

Outro aspecto importante do ambiente familiar é o fato de que este abriga o indivíduo durante o período de sua infância, momento em que ele se mostra totalmente receptivo a modelos e experiências novas que o coloquem em contato com a cultura. Desta forma, na infância, a família contribuiu determinadamente à relação entre o sujeito e a leitura ao organizar uma série de situações que aproximassem os dois, durante um período em que os sujeitos estavam abertos a tais situações, fazendo com que as experiências de leitura vividas aí marcassem profundamente a trajetória de constituição de cada sujeito enquanto leitor.

Vale ressaltar que as interações vividas durante a infância, no ambiente familiar, não só foram determinantes para a formação do sujeito durante essa fase, como também tiveram seus efeitos repercutidos ao longo de suas vidas.

É possível afirmar, através da observação dos dados coletados, que a formação dos sujeitos enquanto leitores se deu através de um processo em que, o meio externo – pessoas, ambientes, bens culturais – foi apresentado aos sujeitos a partir de situações mediadas, e, através da interação e exploração desse meio, no qual encontravam-se práticas e concepções de leitura, os sujeitos viveram um processo de formação,

internalizando as experiências e elaborando suas respectivas significações afetivas, as quais determinaram a concepção e natureza da relação que cada sujeito estabeleceu com o universo da leitura.

Durante todo o processo de formação, identificaram-se conteúdos afetivos, como carinho, atenção, proximidade física, respeito, aconchego, prazer, os quais, se mostraram grandes responsáveis pelo sucesso da relação entre os sujeitos e a leitura.

Entende-se que durante o processo de constituição dos sujeitos, a *qualidade* da mediação realizada pela família foi determinante, uma vez que, ao promover experiências agradáveis, essa contribuiu para que a leitura se tornasse uma prática afetivamente positiva ao sujeitos. As sensações e sentimentos envolvidos nas experiências de leitura organizadas pela família, participaram do processo de significação elaborada por cada sujeito, em relação às experiências que viveram. Portanto, os conteúdos afetivos presenciados durante as experiências de leitura foram internalizados pelos sujeitos e associados à prática de leitura, o que marcou de maneira única e de forma afetiva, a relação com a leitura. No caso da pesquisa, os sujeitos internalizaram uma série de sentimentos positivos associados à leitura, o que contribuiu para que a relação com a mesma fosse bem sucedida, e se mantivesse nos anos seguintes.

Entende-se que, no rol de atividades vivenciadas pelo ser humano, a afetividade se faz presente e é uma dimensão importante para o processo de elaboração das representações da realidade que o indivíduo realiza.

É necessário dedicar atenção à dimensão afetiva que constitui o ser humano e envolve as relações que esse estabelece com o “outro”, pois, assim como a inteligência, a afetividade determina comportamentos e modela o olhar que cada indivíduo lançará sobre o ambiente que o rodeia.

Acredita-se que a principal contribuição deste trabalho se encontra na ênfase dada à família enquanto um ambiente mediador e educativo, tão importante quanto a escola. Na família são vivenciadas experiências sociais que contribuem profundamente ao processo de constituição do indivíduo.

Notou-se que os resultados de cada experiência de leitura, vivenciada no ambiente familiar, apreendidos pelos sujeitos, foram intensos e determinantes à natureza da relação entre os sujeitos e os livros. Ao se deparar com situações onde a leitura apresentasse um caráter negativo, como nos relatos referentes ao ambiente escolar, por exemplo, a relação do sujeito com os livros não se abalou – manteve-se a significação

da leitura enquanto um ato que envolve uma série de sentimentos positivos e que gera prazer, aspectos que haviam sido vivenciados no ambiente familiar.

Portanto, entende-se que o indivíduo se constitui através de um processo de interação com o “outro”, sempre mediado, em diferentes espaços sociais. As interações são marcadas afetivamente e posteriormente, re-significadas pelo próprio indivíduo num processo de internalização, o qual é responsável por definir a natureza das relações e as formas de comportamento que o indivíduo irá apresentar frente ao ambiente no qual se insere.

Atenta-se ao fato de se considerar o ambiente escolar como principal espaço educativo do indivíduo, esquecendo-se que outros ambientes, como a família, desempenham essa função de maneira tão intensa quanto a escola. Acredita-se que a parceria entre os diversos ambientes sociais possa vir a promover um processo de formação do indivíduo mais completo, não fragmentado, contribuindo para que esse encontre espaço para o desenvolvimento de suas mais diversas habilidades e dimensões - motora, cognitiva e afetiva - tornando-se um indivíduo complexo, integral, que explora e transforma a realidade em que vive.

Como ilustração dos resultados dos processos de formação vivenciados por cada sujeito, serão citadas a seguir, falas que caracterizam a função que a leitura desempenha, atualmente, na vida de cada sujeito.

*“É através dela [leitura] que eu vou atrás das coisas que eu quero saber, que eu aprendo, que eu me divirto”. (Sujeito1, Anexo 1)*

*“[Vejo a leitura] como prazer, como uma coisa legal, gostosa de fazer. Então você não tem que ler porque a professora mandou ou porque você acha que vai ser útil – você tem ler porque gosta, porque você acha divertido. Depois de gostar, a consequência é você se formar, ser um bom leitor, ter um vocabulário maior”. (Sujeito 2, Anexo1)*

*“Gostar de ler é mais um sinônimo de ter o costume de ler, porque quanto mais você lê, mais você gosta.(...) Conta também o fato da informação, mas acontece mais de eu ler por gostar mesmo”. (Sujeito 3, Anexo1).*

*“Quando eu vou ler eu quero algo que me traga algo mais, que me acrescenta alguma coisa. (...) Busco alguma coisa que eu ainda não sei. Por exemplo, uma poesia. É tentar encontrar alguma coisa que mexa de verdade com você, que te inspire, que faça você parar e pensar”.*  
(Sujeito 4, Anexo1).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

ARANTES, Valéria A. e AQUINO, Julio G. (Orgs). *Afetividade na escola – alternativas teóricas e práticas*. S. Paulo: Summus Editorial, 2003.

BAKER, Linda. *Developing engaged readers in school and home communities*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1995.

BOCK, Ana M. B, GONÇALVES, Maria G. M., FURTADO, Odair. *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMPOS, Luiz F. L. *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. Campinas: Editora Alínea, 2000.

CAMPOS, Jacira C., CARVALHO, Hilza A. G. *Psicologia do desenvolvimento: influência da família*. 2 ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: EDICON, 1983.

FLORES, José V. *Influência da Família na Personalidade da criança*. Porto: Porto, 1994.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1982.

GROTA, Ellen. *Processo de Formação do Leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

IRIZAR, F. A. *Vida familiar y vida escolar*. Mensajero, Bilbao:1982.

KNOBEL, M. *Infância, adolescência y família*. Buenos Aires, Argentina: Granica, 1972.

LAJOLO, Marisa. Leitura: você faz a diferença. *Revista Nova Escola*. São Paulo: p.14, dezembro, 2003.

LEITE, Sérgio A. S. *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas: Komedi, 2001.

LEITE, Sérgio A. S., TASSONI, Elvira C. M. *A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor*. In: AZZI, R. G, SADALLA, A. M. F. A. *Psicologia e Formação Docente: Desafios e Conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAHONEY, Abigail A. et al. *Henri Wallon: Psicologia e Educação*. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MOJICA, Isabel. Sopa de Letrinhas. *Revista Kalunga*. Campinas: ano XXXI, n. 158, p. 13-15, março, 2004.

MORAIS José. *A arte de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

NETO, Otávio C. *O trabalho de campo como descoberta e criação*. In: DESLANDES, Suely F. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

SILVA, Ezequiel T. *Leitura na escola e na Biblioteca*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1986.

SILVA, Lílian L. M. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986b.

WEREBE, Maria J. G, NADEL-BRULFERT, Jacqueline org. *Henri Wallon*. Coleção Grandes Cientistas Clássicos, n. 52. São Paulo: Editora Ática, 1999.

## ANEXO 1

### NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO

#### 1. Descrição do sujeito enquanto leitor

##### a) A função da leitura

*Sujeito 1. “Leio mais por diversão, e também para aprender alguma coisa, não sei, depende do que eu leio. Acho que ela é mais diversão, eu leio é porque eu gosto mesmo”.*

*Sujeito 1. “É através dela [leitura] que eu vou atrás das coisas que eu quero saber, que eu aprendo, que eu me divirto”.*

*Sujeito 2. “Não é só pegar o livro e ler uma vez só, você tem que pegar o livro e ler, ler, ler, várias vezes pra entender. E às vezes você tem uma interpretação do livro, uma primeira, e aí, na outra vez, você consegue uma interpretação nova”.*

*Sujeito 2. “[Vejo a leitura] como prazer, como uma coisa legal, gostosa de fazer. Então você não tem que ler porque a professora mandou ou porque você acha que vai ser útil – você tem ler porque gosta, porque você acha divertido. Depois de gostar, a consequência é você se formar, ser um bom leitor, ter um vocabulário maior”.*

*Sujeito 3. “Primeiro eu leio porque eu gosto (aí entram os romances e as poesias), tem coisas que eu leio pra me informar, mas que eu também gosto (obras de política, como por exemplo, a obra de Hitler – “Mein Campf”)*”.

*Sujeito 3. “Gostar de ler é mais um sinônimo de ter o costume de ler, porque quanto mais você lê, mais você gosta.(...) Conta também o fato da informação, mas acontece mais de eu ler por gostar mesmo. Acesso às informações eu tenho nos meus livros de política, mas o resto dos outros livros eu leio porque gosto”.*

*Sujeito 4. “Quando eu vou ler eu quero algo que me traga algo mais, que me acrescenta alguma coisa. (...) Busco alguma coisa que eu ainda não sei. Por exemplo,*

*uma poesia. É tentar encontrar alguma coisa que mexa de verdade com você, que te inspire, que faça você parar e pensar”.*

*Sujeito 4. “A leitura serve como uma fonte de idéias, que eu vou escolher as que mais tem a ver comigo, que cabem na minha vida e que me inspirem a escrever, mas sempre da minha maneira”.*

*Sujeito 4. “A leitura vai ser prazerosa se ninguém me forçar a ler. Porque eu sou muito preguiçoso, então não gosto de ter prazo pra acabar. Mas ao mesmo tempo, quando o livro é bom eu quero ler até o fim para saber o que é. Então eu gosto de me respeitar, seguir o meu ritmo”.*

**b) O material lido pelo sujeito**

*Sujeito 1. “Leio muita ficção, fantasia, tudo! O que aparecer na minha frente eu leio. Estes gêneros me interessam porque falam de épocas e lugares imaginários, muito diferentes dos nossos. O que mais me atrai nestas leituras é a descrição dos lugares onde a história se passa e também a História destes lugares e dos próprios personagens”.*

*Sujeito 2. “As que eu gosto de ler: National Geographic, Galileu, Globo Ciência, a Veja, a Isto É, a Carta Capital, a Exame – só revistas interessantes, são revistas que mostram pra gente como tá a vida, o que está acontecendo ao nosso redor, com o nosso país e com o mundo, e como isso pode influenciar a nossa vida mais pra frente”.*

*Sujeito 2. “Eu tava lendo na casa da minha mãe um livro do Max Weber, sobre o capitalismo, economia. Na casa do meu pai eu leio os livros sobre física, enfim, bastante coisa”.*

*Sujeito 4. “Eu sou muito específico. Sempre tenho a curiosidade de abrir um livro e ver se ele é interessante. Mas se o título dele já me atrair, eu já quero ler ele todo, vou embora”.*

c) A rotina atual de leitura

*Sujeito 1. “Praticamente todo dia eu leio alguma coisa. Costumo ler mais ou menos uns dois livros por mês, às vezes mais, as vezes menos. Prefiro ler sozinho, num lugar que tenha silêncio pra não me incomodar e que seja confortável, e geralmente esse lugar é meu quarto”.*

*Sujeito 1. “As vezes eu costumo ler na aula, mas não muito porque tem muito barulho. Geralmente na aula de inglês, que eu não preciso e que é muito chata, eu pego alguma coisa escondido da professora e fico lendo”.*

*Sujeito 2. “Tem bastante livro em casa e sempre eu pego algum livro ou outro pra ler, porque eu gosto de ler. Normalmente quem fica no computador é meu irmão mais novo, então ele não deixa ninguém usar, então eu pego um livro e vou ler ou vou dormir”.*

*Sujeito 2. “Eu não tenho horário para ler. Eu leio quando eu quero, quando estou com vontade. Em casa, às vezes eu pego um livro e na cama, antes de dormir eu vou ler, deixo na cabeceira e depois pego de novo”.*

*Sujeito 3. “Eu costumo ler em lugares que não tenha muita gente, em casa eu leio sempre no meu quarto, sozinha, às vezes com uma música tranqüila para não ficar aquele silêncio absoluto. Eu estou sempre lendo algum livro, alguma coisa. Então costumo ler à tarde, quando tenho tempo livre, e também nos finais de semana, principalmente no domingo que não tem nada pra fazer”.*

*Sujeito 3. “Leio também durante a aula porque acho entediante assistir aula e acho melhor ler”.*

*Sujeito 4. “(...) De vez em quando eu sinto uma vontade e aí sim eu vou atrás de alguma coisa que eu goste, que seja diferente. Leio geralmente no meu quarto deitado, antes de dormir. Eu leio muito devagar, porque fico prestando atenção em cada coisinha que vai acontecendo, e fico viajando na história. Às vezes eu fico um tempão pensando, imaginando e a hora que eu vejo eu ainda não saí das primeiras páginas. Por isto eu também demoro muito pra terminar de ler um livro, mas quando eu o termino eu praticamente o degustei inteirinho, não vou precisar ler ele de novo”.*

## **2. Acesso aos livros**

*Sujeito 1. “Tem bastante coisa aqui em casa, eu compro ou pego emprestado de amigos. Tenho também alguns livros que fazem parte de uma coleção própria”.*

*Sujeito 1. “Desde pequeno meus pais sempre me davam gibis pra ler. Na verdade, eu praticamente aprendi a ler através dos gibis e do computador”.*

*Sujeito 2. “A gente não assina revista. Lá no Senai tem a biblioteca, eu pego a “Galileu”, às vezes meu pai traz a “Pesquisa Fapesp” lá de São Paulo, e o jornal a gente lê na escola. Em casa tem algumas da “Isto É”, da “Veja”.*

*Sujeito 2. “Em casa tem na sala duas estantes cheias, o quartinho dos fundos tá lotado de livros, não cabe mais nada lá dentro, tá tudo empoeirado. No meu quarto tem alguns livros, livros da escola, livros do Senai e no quarto do meu pai tem bastante livro também, tem nas estantes e no próprio computador tem vários arquivos PDF, que a gente abre e lê. Na casa da minha mãe também – o quarto dela tá cheio e o escritório dela também tá cheio de livros”.*

*Sujeito 3. “Geralmente eu compro, porque tudo o que eu gosto eu leio mais de uma vez. Alguns livros eu pego emprestado de amigos meus (os mais difíceis de achar pra compra)”.*

*Sujeito 3. “O escritório do meu pai tem várias prateleiras com os livros dele, o meu quarto tem os meus, a minha irmã também tem alguns livros no quarto dela, mas eu acho que os espaços são meio divididos...cada um tem o seu e os seus próprios livros. Os livros mais velhos a gente leva para uma dispensa em baixo da casa que guarda um monte de livros”.*

*Sujeito 4. “As coisas que leio eu tenho na minha casa ou na escola. Quando eu vi que em casa eu já tinha esgotado as opções eu passei a procurar na escola”.*

### **3. Rotina de Leitura**

*Sujeito 1. “Eu acho que o costume da leitura livre dentro de casa me mostrou que ler um livro ou um gibi podia ser tão interessante ou divertido quando assistir televisão, ou qualquer outra atividade”.*

*Sujeito 1. “Na minha casa a gente nunca teve nada muito marcado, não. A gente foi livre pra fazer as coisas que gostava, no momento em que estava com vontade”.*

*Sujeito 2. “Quando eu era menor, por exemplo, a gente tinha o horário de leitura, todo estabelecido, tudo cadastrado mesmo com o meu pai. Todo dia de manhã a gente acordava mais ou menos nove horas, e das nove e meia às dez e meia, a gente pegava, sentava e ia ler. Meu pai incentivava bastante a gente, e ele falava que era o horário de leitura (esta parte da manhã), e então todo mundo sentava e ia ler. (...)Era gostoso, porque a gente sentava e ia ler todo mundo junto. Meu pai e minha mãe sentavam na mesa e iam ler, a gente pegava algum livro, sentava no sofá e ia ler também. Era gostoso”.*

*Sujeito 2. “Acho que se não tivesse vivido a experiência que meus pais organizavam todo dia, eu com certeza não seria um bom leitor. Eu acharia um tédio ter que sentar num lugar calmo pra ler...Pôxa vida, tem tanta coisa mais interessante não é? (...) Acho que é como um quebra-cabeça: são várias peças que você tem que ir juntando, e se faltar uma delas, fica incompleto. E todo este costume de ler foi uma das peças fundamentais do quebra-cabeça”.*

*Sujeito 3. “A gente estudava de tarde, então a gente acordava, lia mais ou menos até a hora do almoço e depois íamos pro colégio”.*

*Sujeito 3. “A gente ia brincar na casa de uma amiga, de escolinha e estas coisas, aí surgia a idéia de escrever e a gente acabava fazendo o jornalzinho. Pegávamos livros de fábulas que ela tinha, líamos e misturávamos as histórias, os personagens e achávamos o máximo porque ficava tudo maluco. Mas sempre por brincadeira, nada obrigado”.*

*Sujeito 3. “Como naquela época era tudo de ler e escrever, era a maior pressão para aprender. ‘Que letra é essa?’, ‘Como soletra isso?’. Esse era o lado ruim, pois parecia lição de casa. Mas essa hora à noite era boa porque não era a lição de casa, era mais por lazer, era estar junto com meus pais. Era gostoso, mas eu lembro que eu preferia ouvir eles contando a ter que ler, porque eu já tava cansada de ler o tempo todo”.*

*Sujeito 3. “Em casa, a leitura além de ser mais fácil, porque não tinha aquele negócio de precisar ler certo, mostrar as letras, era também uma leitura mais tranqüila, do meu gosto, quando eu queria ler eu lia e quando eu não queria, estava tudo bem”.*

*Sujeito 4. “Acontecia mais quando eu não tinha o que fazer. Geralmente nestas horas a gente vai ver televisão, né? Mas eu não... eu ficava folheando, lendo e quando percebia já tinha passado um tempão que eu estava ali!”.*

*Sujeito 4. “Eles nunca me obrigaram a nada, coisa que eu realmente não gosto. Depois, eles sempre conseguiram me atingir de um jeito gostoso, porque eram pessoas próximas que me conheciam muito bem, sabiam o que eu iria gostar e o que não. Fizaram as coisas de um jeito agradável... Com a minha cara”.*

#### **4. O cantinho dos livros**

*Sujeito 1. “Havia uma estante na sala de casa, onde ficavam todos os livros. Era uma estante um tanto alta, cheia de livros, que ficava ao lado do sofá na sala. Era um lugar difícil de alcançar, tanto que eu lembro de ter caído várias vezes ao tentar subir para pegar algum livro. Mesmo assim, eu insistia em tentar pegá-los. Todo mundo em casa usava estes livros, porque todos os tipos de livros ficavam nesta mesma estante”.*

*Sujeito 2. “Eu pegava livro na sala e ia ler debaixo do telhado. (...) Tinha um vãozinho entre o muro e o telhado, e eu ficava ali lendo. Sozinho, quieto. Ali era bom, era gostoso. E às vezes, no final da tarde você subia ali e ficava observando o pôr-do-sol. Era muito dez, cara. Eu subia todo dia, levava livro, pulava lá de cima”.*

*Sujeito 2. “A gente tinha uma biblioteca em casa, tinha bastante livro infantil que a gente pegava e lia.(...) Havia livrinhos e história infantil, do tipo, O barco, O gato de botas, O gato e o sapato. Gibi o meu pai também comprava na banca pra gente ler”.*

*Sujeito 3. “Quando a gente era pequeno, os livros costumavam ficar na sala numa estante baixinha e embaixo da televisão; ali ficavam os livros de criança. Hoje fica espalhado – tem a biblioteca do meu pai, o armário da minha mãe”.*

*Sujeito 4. “Era uma prateleira onde ficavam todos os livros da casa – tanto os de criança quanto os dos meus pais. Minha mãe fez uma separação, então a gente sabia onde ficavam os nossos livros. Quando dava vontade era só ir até lá. A gente subia na escrivaninha e puxava alguns”.*

## 5. Pais: os grandes mediadores

### a) A mediação

*Sujeito 1. “O maior incentivo deles [pais] foi deixar livros disponíveis sempre que eu quisesse ler. Eles nunca precisaram me incentivar muito a ler, eu escolhia livros por minha vontade mesmo. Acho que a disponibilidade de livros variados me ajudou a gostar de quase todo tipo de leitura, pelo menos um pouco”.*

*Sujeito 1. “Ter livros conta muito, mas o incentivo pra você chegar até estes livros também precisa acontecer, porque só os livros não te levam a lugar nenhum, você não aprende sozinho. O jeito que os pais apresentam estes livros e incentivam você a usá-los é muito importante”. O importante é ter os pais incentivando no começo e sempre deixar livros disponíveis para criança pra despertar a curiosidade dela”.*

*Sujeito 1. “Eu tinha mais ou menos uns 5 anos, e sempre pegava o gibi e ficava tentando entender o que estava escrito ali, ia perguntar pros meus pais e eles me mostravam as letras e as palavras”. (...) Eu preferia pegar o gibi sozinho para tentar entender o máximo possível. As partes que eu não entendia, eu perguntava para eles. Normalmente eu lia na sala de casa, perto dos meus pais, para ficar mais fácil de fazer perguntas”.*

*Sujeito 1. “Meus pais liam historinhas de criança, geralmente antes de dormir. Saudades dessa época...Quando eu queria ouvir uma história, eu mesmo pedia para que eles lessem alguma coisa. Eles liam as histórias no meu quarto mesmo, ou na sala de casa”.*

*Sujeito 2. “Na hora de dormir, meu pai ou minha mãe lia uma história pra gente. As vezes a gente pedia, eles iam lá liam e a gente dormia mais sossegado. Era super legal. (...) Juntava eu meu irmão e minha irmã na cama de casal e meu pai no meio, lendo pra gente. Aí a gente dormia e meu pai carregava cada um pra sua cama”.*

*Sujeito 2. “O legal era ter todo mundo junto ali, tanto é que quando eles saíam da sala a gente parava de ler. Não era divertido ficar ali lendo sem ter alguém por perto.*

*Quando estava todo mundo junto você sentia um clima gostoso, uma afetividade...Isso era mais importante do que o livro ou da história que eu estava lendo”.*

*Sujeito 2. “Em casa eles não deixavam eu ver muita TV – já iam dizendo pra desligar e pegar um livro. Aí eles sentavam junto comigo, a gente pegava um livro de história e ia ler. Isso incentivava muito a gente – eles estavam sempre ali dizendo: Tenta, tenta”.*

*Sujeito 3. “Eles compravam um monte. Compravam livros fáceis, bem de criança, (...)Era livrinho de história pra criança, história curtinha, fácil de entender. E quando a gente era pequena a gente adorava fada, duende, estas coisas...Então a minha mãe comprava muito livro deste tipo e a gente adorava. Lembro de dois destes: um em português, fácil de ler, pequeno, e outro, de uma bruxa, em inglês, que eu nem fazia idéia do que estava escrito e a minha mãe era quem contava pra gente”.*

*Sujeito 3. “Ela [mãe] sempre incentivou a gente a ler trazendo muito livro, contando história e falando de política (que me interessou muito), porque a política você não consegue entender só de ouvir, você tem que conhecer através dos textos. Minha mãe trazia alguns livros pra eu ler e eu gostava, através das poesias, eu fui vendo que tinham coisas que eram legais de ler e fui cirando o hábito e o gosto”.*

*Sujeito 3. “Então, o primeiro livro que eu li sobre política foi um que minha mãe me deu sobre anarquismo, do Baconi, do Prudot; ela deu do Marx também, mas eu não consegui ler”.*

*Sujeito 3. “No começo a gente sempre lia junto com os meus pais, porque tínhamos que ficar perguntando as palavras...Mas depois que a gente aprendeu a gente já lia sozinha mesmo. A gente sentava junto e eles iam explicando as palavras e as histórias dos livros e geralmente à noite eles pediam pra gente ler (as palavras mais fáceis)”.*

*Sujeito 3. “Tirando a parte chata da cobrança do colégio, era muito legal. Meu pai contava história pra gente na cama, geralmente histórias bíblicas que ele mudava pra ficar mais engraçado... Então acho que foi muito bom. Eles não fizeram tanto com a consciência de incentivar a leitura...foi mais pelo prazer, por ser gostoso, e no fim isso acabou incentivando”.*

Sujeito 3. *“Meu pai que contava mais historias antes da gente ir dormir. Eu dormia num quarto, minha irmã no outro, e no meio tinha um banheiro onde meu pai ficava contando historias. A gente não queria que ele ficasse no quarto nem de uma nem de outra; ele tinha que ficar no meio. Aí ele sentava na pia e ficava contando historia pra gente. Na verdade eram umas 3 historinhas que ele sempre contava e a gente pedia pra ele repetir umas 20 vezes. Ah, era gostoso, eu gostava bastante! isto faz você gostar de ouvir histórias e por eu gostar eu fui querer ler, aprender e conhecer novas histórias”.*

Sujeito 4. *“Ter o contato com muitas coisas [textos] diferentes me mostrou a variedade do que você pode encontrar dentro de um livro. Isto também faz a gente se interessar”.*

Sujeito 4. *“A maioria [dos livros] a minha mãe comprava, trazia novinho pra gente. Também já tinha muita coisa do meu irmão, que lia e lê muito até hoje. Os livros dele também eram gostosos, então deu pra aproveitar. Eu gostava muito das capas, coloridas, que chamavam a atenção”.*

Sujeito 4. *“Eu lembro era de sempre pedir para minha mãe ler livrinho. As vezes ela dizia que estava cansada, às vezes sentava do meu lado, e pelas imagens do livro eu é quem ia contando as historinhas, ia imaginando o que estava acontecendo e ia falando. Cada vez que eu lia o livro era uma história diferente. Acho que o benefício veio mais pro lado da criatividade – estar aberto a escutar os outros, respeitar a fala do outro e criar, porque quando eu lia pra ela eu não estava lendo a história real, escrita naquele livro. Hoje, assim que eu termino de escrever uma poesia eu tenho vontade de correr e mostrar logo pra ela, pra ver se ela vai dizer que está bom ou não. Você sabe que eu nunca tinha parado pra pensar nisso? Até hoje eu e minha mãe somos bem grudados!”.*

Sujeito 4. *“Sempre que podia ela lia. Inclusive eu pegava no pé dela – sempre ia pedir pra ela ler comigo. Então ela lia junto, pedia pra eu ler algumas frases, ela lia outras... (Isto era mais ou menos na quinta série) Normalmente era antes de dormir. Ou ela aparecia na minha cama com algum livrinho, ou eu é quem ia até a cama dela. (...) Era uma situação confortável, agradável, que relaxava e até fazia dormir. Era bom ficar ali”.*

*Sujeito 4. “Eu lembro que ele (pai) gostava de contar história de quando era criança, não espontaneamente, só quando a gente perguntava. Isso acontecia quando estava todo mundo junto, geralmente na hora do jantar. Então alguém perguntava alguma coisa e ele contava as aventuras com o pai ou o avô, também contava muito sobre a história da nossa família, de como eles vieram de Portugal, o que fizeram ao chegar aqui”...*

*Sujeito 4. “Ah, ela mostrava a capa, dava na nossa mão e dizia: -“Olha, trouxe estes livrinhos pra vocês, vai lendo um de cada vez”. As vezes ela já deixava com a gente, as vezes ela mostrava direitinho onde ia guardá-los. Ela sempre foi muito carismática, daquelas que abrem o sorriso e contagiam os filhos. E era assim que ela vinha, toda feliz e sorrindo. Pôxa! Pra mim, este já ra um motivo suficiente”.*

#### b) A formação dos pais

*Sujeito 1. “Minha mãe terminou o primeiro grau, e não fez faculdade. Meu pai tem ensino superior (no Brasil) e mestrado (nos Estados Unidos) em telecomunicação, e hoje é engenheiro da Lucent”.*

*Sujeito 2. “Meu pai é professor de física (formado na Unicamp), ele dá aula lá em São Paulo e faz licenciatura aqui no instituto de Educação (Unicamp). Minha mãe é professora de Filosofia, fez o curso de Matemática durante dois anos na Unicamp, não gostou, largou o curso e começou a fazer Filosofia. Fez filosofia, fez mestrado e agora ta fazendo doutorado (em filosofia, na Unicamp)”.*

*Sujeito 3. “A minha mãe é formada em jornalismo, e já foi jornalista do Estadão por um tempo e agora ela tem uma revista, é editora da revista Terra da Gente que lançou agora. O meu pai é formado em agronomia na França e ele trabalha como ecólogo na Embrapa”.*

*Sujeito 3. “Meus pais foram militantes na época da ditadura, da resistência, foram presos, aquela coisa toda, e minha mãe ela fazia parte do movimento estudantil, meu pai fazia parte do movimento estudantil católico. Meu pai foi totalmente socialista; ele foi para a França exilado, fez discurso sobre Fidel, sobre as relações em convenção. Minha mãe era totalmente anarquista”.*

Sujeito 4. *“Minha mãe trancou a faculdade quando engravidou, ela fazia Pedagogia. Agora ela voltou a estudar – está no terceiro ano de Direito. Meu pai já é aposentado, cursou administração, fez carreira em um banco e depois foi trabalhar na Bosch”.*

c) A relação com os pais

Sujeito 1. *“Ah, a gente se dá bem, conversa bastante. Quando eu era criança a gente era mais próximo, porque eu dependia muito mais deles. Agora eu tenho outras vontades, ficar com os amigos, sair de casa”.*

Sujeito 2. *“Quando a gente tem tarefa e precisa saber alguma coisa, ele senta, conversa, dá dicas de livros, mostra onde a gente pode pesquisar, como fazer, o porquê daquilo, no que aquilo vai servir, enfim, ele fala tudo, ele explica”.*

Sujeito 3. *“A gente sempre almoça e janta juntos, é meio tradição da família e tem um negócio que chama conselho familiar que meu pai organiza - uma vez por mês a gente se reúne pra conversar, resolver problemas da família, trocar idéias”.*

Sujeito 4. *“[A relação] foi sempre ótima. É claro que sempre tem as brigas, mas nada fora do normal. A gente conversa bastante e dá muita risada. Principalmente na hora do almoço quando o pessoal se reúne, porque no resto do dia cada um tem seus horários”...*

d) Pais leitores

Sujeito 1. *“Meu pai sempre leu jornal, e sempre estudou bastante”.*

Sujeito 1. *“Eles (os pais) me mostraram que a leitura é um bom hábito e não algo que só deve ser feito quando absolutamente necessário. Eles me ensinaram a gostar de ler”.*

Sujeito 2. *“Eles (os pais) mostravam que ler é gostoso, ler é legal. Eles ficavam ali, incentivando também... Serviam como modelos e eu pensava: “se eles estão ali lendo, porque eu também não posso?”.*

*Sujeito 2. “Ele lia com tanta empolgação e a gente ouvia e pensava: Pôxa vida, se ele lê deste jeito, é porque deve ser bom”.*

*Sujeito 3. “A minha mãe (me inspirou), pelo fato de ser jornalista, e por gostar bastante de ler. Ela sempre emprestava algum livro que gostava (histórias místicas, tipo senhor dos anéis, brumas de Avalon). A gente lia todos, porque eram histórias interessantes”.  
“Ela (mãe) sempre trouxe muito livro pra gente, até mesmo quando a gente ficou mais velha (13 anos) ela continuou indicando leituras, às vezes quando saía um filme ela já tinha lido o livro... Ela tinha os mesmo gostos que a gente”.*

## 6. A mediação dos avós

Sujeito 2. *“Meus avós são pouco instruídos, semi-analfabetos. Minha avó estudou até a terceira série e meu avô até a quarta série. (...) Mas minha avó contava historinhas pra mim, sabe, assim, historinhas de avó mesmo? (...) Eu não lembro da história, mas eu lembro dela contando. (...) A gente deitava na cama e ela começava a contar a história pra gente, e ia contando até a gente dormir. Ela mexia com a imaginação mesmo”.*

Sujeito2. *“(...) [Não mantenho hábitos de leitura atualmente] porque fui crescendo e depois que meus pais separaram eu fui morar com os meus avós, eu não tinha incentivo para ler lá. Eles não falavam: Vai ler, pega este livro, este aqui é bom este não...”*

Sujeito 3. *“O primeiro livro que eu aprendi a ler era um livro que minha avó tinha, que a gente chamava de livro mágico, porque todo mundo comia lendo este livro. Ela lia pras minhas tias e minha mãe quando eram pequenas, e dava sopa ao mesmo tempo em que ia contando a história e então elas comiam. O livro era em inglês, mas elas colocaram fitinhas escritas em Português quando a gente começou a ler. E o livro foi passando – meu irmão mais velho, meus primos e agora está com o meu irmão mais novo. (...) Me vem uma sensação gostosa, legal, porque foi uma coisa que passou pela família toda. E ela contava esta história da galinha, justamente no Natal, na hora que todo mundo ia comer a sopa”.*

Sujeito 3. *“Tem a minha outra avó, que costumava contar bastante história da vida dela, dos bailes, da época antiga...Era engraçado, a gente morria de dar risada! Ela acordava a gente no meio da noite e como meu pai não deixava ela dar doce pra gente, ela dava durante a noite no quarto dela. Enquanto a gente comia, ela ia contando as histórias dela. Eu achava o máximo!”.*

Sujeito 4. *“Tem a minha avó por parte de mãe, que sempre foi muito religiosa e gostava de contar histórias da bíblia ou acontecimentos que ela considera importante. Ela era daquele jeitinho de pegar na mão, olhar nos olhos e contar alguma coisa, alguma história”.*

## 7. Outros personagens/situações mediadores

### a) Musica

Sujeito 3. *“Eu tinha uma banda. Então precisávamos escrever letras de música e eu gostava de escrever em poesia, mas queria escrever coisas legais, e por isso comecei a procurar autores para ler mais sobre isso”.*

Sujeito 4. *“Tem também a influência da música, dos artistas que eu realmente gosto. Eu percebi que para chegarem até onde estão, passarem a sua mensagem de um jeito tão bonito e perfeito, passaram por um processo que envolveu muita leitura, que trouxe bagagem e amadurecimento”.*

### b) Irmãos

Sujeito 1. *“Eu lembro muito do meu irmão, que sempre teve o costume de ler, isso também deve ter ajudado um pouco”.*

Sujeito 1. *“Eu comecei a me interessar por esse tipo de leitura quando eu comecei a jogar RPG com meu irmão e um amigo dele, que estava lendo o Senhor dos Anéis. Ele falou sobre o livro pra mim e eu fiquei com vontade de ver como que era. Eu li o livro, gostei muito dele e comecei a procurar mais livros do gênero para ver se eram tão bons”.*

Sujeito 4. *“Eu acho que o que me fez ler foi o meu irmão – ele é uma cara que lê muito, muito mesmo. Vendo que ele lê, e tem uma cultura a mais por causa disto, o meu prazer superou a minha preguiça e fiz o mesmo que ele. (...)Ver ele ler me inspirou a correr atrás dos livros, porque eu percebi que isto trazia certos benefícios”.*

Sujeito 4. *“Tudo começou com o meu irmão e Vinícius de Moraes (ele ouvia e lia). Eu via ele escrevendo, fazendo o livro dele de um jeito diferente. E isto foi me interessando, escrever daquele jeito diferente de um livro convencional. Mas eu sempre fui de escrever e jogar fora, escrever e jogar fora...Mas aí quando meu irmão me mostrava as coisas que ele escrevia eu via que o meu jeito era parecido, e comecei a gostar do que eu escrevia. (...)Foi o irmão que mais viveu perto de mim. A gente dormia no mesmo quarto. Então eu estava sempre por perto quando ele estava escrevendo ou lendo.*

*Tinha até que parar de fazer barulho no quarto pra não atrapalhar. Eu acho que ele ajudou porque percebi que para escrever como ele, era preciso ler muito. Eu também lembro de ficar observando ele ler, de um jeito todo interessante, entretido, silencioso. Quando ele parava de ler, assim que saía do quarto eu ia correndo ver qual era o livro e sobre o que ele falava. Acho que isto também pode ter influenciado”.*

**c) Escrita**

*Sujeito 3. “Outra coisa que acho que me incentiva a ler é o fato de eu gostar de escrever. E acho que quando você escreve, você precisa procurar novas informações nos livros. Quando eu escrevo um conto, eu vou atrás de livros e textos que tenham a ver com o meu tema, para ver como os autores escrevem, o que eles tem pra dizer sobre aquilo... Para que eu escreva bem eu preciso ler bastante, porque quando você escreve você acaba recorrendo a alguma coisa que você leu. Tudo o que eu escrevo é relacionado a idéias que eu já vi nos livros, que me ajudam a criar e que também me fazem escrever de forma mais elaborada”.*

*Sujeito 3. “Eu lia as coisas por achar elas bonitas, porque queria escrever daquele jeito, naquela linguagem trabalhada. Então, a qualidade dos livros que eu li me ajudou a gostar de ler”.*

*Sujeito 4. “Quando eu escrevo, quero dizer o que eu sinto, o que eu entendo e não copiar algo que eu tenha lido e achado bonito. Nesta a hora a leitura serve como uma fonte de idéias, que eu vou escolher as que mais tem a ver comigo, que cabem na minha vida e que me inspirem a escrever, mas sempre da minha maneira”.*

**d) Ex-namorado**

*Sujeito 3. “Meu ex-namorado lia muito também. Mas nesta época eu já lia bastante. Com ele eu comecei a ler algumas coisas diferentes, tipo contos de terror e suspense de estilo gótico. Ele foi uma pessoa que me emprestou muitos livros (alguns deles eu nem devolvi porque gostei), e acho que por isso, ele foi uma pessoa que incentivou ainda mais a minha leitura. (...) Foi um incentivo...Eu já gostava de ler, então a gente trocava livros. Então ajudou a manter o hábito de ler”.*

e) Amigas

Sujeito 3. *“Tem um livro, que eu mais me lembro, era uma série de aventura que a gente adorava, porque conforme você lia o livro, você ia escolhendo o rumo da história, o que ia acontecer com os personagens, e por isso história podia acabar com vários finais diferentes. Lembro que a gente pegava o livro em quatro amigas, cada uma lia do seu jeito e depois ficávamos discutindo as histórias que montávamos. Ele era diferente, a gente achava o máximo poder escolher como terminava a história”.*

Sujeito 3. *“A gente ia brincar na casa de uma amiga, de escolinha e estas coisas, aí surgia a idéia de escrever e a gente acabava fazendo o jornalzinho. Pegávamos livros de fábulas que ela tinha, líamos e misturávamos as histórias, os personagens e achávamos o máximo porque ficava tudo maluco. Mas sempre por brincadeira, nada obrigado”.*

## 8. A (des)continuidade da escola

*Sujeito 1. “Nesta época [quando morou nos Estados Unidos] eu percebi que na biblioteca tinha muito livro que me interessava, e como ela estava sempre aberta, eu estava sempre lá”.*

*Sujeito 2. “A gente tava recebendo bastante doações de livros e tava precisando de gente pra ajudar. E precisava de gente pra ajudar a limpar, organizar os livros, e assim, eu me ofereci. Eu ia lá todo dia, toda tarde, ajudava o João Paulo (aluno) que era um colega meu a arrumar, limpar...Só que, assim, aquela biblioteca é muito boa. Aquela biblioteca é de dar inveja a qualquer biblioteca em outras escolas. Lá tem muitos livros bons: Machado de Assis, Eça de Queiroz, tem vários Atlas.*

*Então a gente separou os livros, organizou, jogou fora o que não dava pra usar. Uma moça foi lá e doou todos os livros que o filho dela tinha usado no Objetivo, no Anglo. Pôxa vida, é um material didático muito bom! Não é ruim, não é de se jogar fora. A gente foi lá e organizou tudo. A gente catalogou tudo! A gente tava tombando todos os livros, tombo 1, tombo 2, todinhos.*

*Tinha até uma bibliotecária que foi chamada só pra ajudar a gente. Só que aí o João Paulo saiu, a bibliotecária saiu, e aquela biblioteca ficou ao abandono novamente, por exemplo, tinha um livro de Matemática lá que tinha cinco exemplares, e agora só tem dois lá dentro. Tão sumindo...E agora tá assim lá na escola: Horário de funcionamento da biblioteca – toda quarta-feira das 9 as 11 hrs. Aí fica uma monitora lá, que nem sabe o que tem que fazer. Então os caras vão lá, pegam o livro e não devolvem. E aí, como é que fica?*

*O projeto ficou parado e só abriu esse ano, sem a bibliotecária, sem o João Paulo, sem o coordenador, e eu não estava podendo ir porque tenho o Senai a tarde. Então aquele troço ficou a Deus dará”.*

*Sujeito 2. “Aquela biblioteca é muito boa. Aquela biblioteca é de dar inveja a qualquer biblioteca em outras escolas, (...) mas ficou ao abandono. E agora tá assim lá na escola: Horário de funcionamento da biblioteca: toda quarta-feira das 9 as 11 hrs. Aí fica uma monitora lá, que nem sabe o que tem que fazer. Então os caras vão, pegam o livro e não devolvem”.*

*Sujeito 3. “Você tem que criar o costume da leitura, e antes eu só lia o que a escola mandava e achava muito chato, e então eu lia obrigada e não tinha muita vontade de continuar lendo outras coisas”.*

*Sujeito 3. “Eu acho que se eu não tivesse tido isto (contato com o livro em casa) eu não iria gostar de ler porque iria acabar associando a leitura àquilo que acontecia no colégio, uma coisa chata. Eu não ia saber que existiam livros que eram do meu interesse, que eram legais e gostosos”.*

*Sujeito 3. “Não costumo pegar livro em biblioteca. Acho que não pego livro em biblioteca desde a quinta série”.*

*Sujeito 4. “Se eu tivesse visto apenas a leitura na escola (...) provavelmente eu não gostaria de ler e muito menos de escrever. Também não conheceria nem metade das coisas que conheço, principalmente a música popular brasileira.*

*Sujeito 4. “Na escola você precisa ler um livro correndo, pra fazer prova. Depois de três dias você já não lembra de mais nada daquela história, você só decorou por um tempo e pronto. Realmente a leitura na escola acaba estragando o nosso prazer”.*

*Sujeito 4. “Na verdade, meu irmão só foi descobrir que eu também era poeta quando eu estava preste a lançar meu livro. Eu tinha vergonha de ficar mostrando o que eu escrevia para os outros, mostrava de vez em quando para a professora pedia dicas, correções. Nisto, uma delas deu a idéia do livro e foi falar com a minha mãe, que também não sabia que eu andava escrevendo. Só quando eu gostava muito de alguma coisa que tinha escrito é que espalhava pela casa toda, cheio de orgulho”!*